

TERRA&TEMPO #01

ESTUDOS DO MUSEU MUNICIPAL DE LOULÉ . 2024



Fogo e Morte. Sobre o extremo Sul no 3.º milénio a.n.e.

Estudos oferecidos a Victor S. Gonçalves nos 30 anos
da edição de Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve
Oriental, uma aproximação integrada

ANA CATARINA SOUSA (COORD.)

loulé
Aqui e Agora

MUSEU
MUNICIPAL
LOULÉ



Ficha Técnica

SOUSA, Ana Catarina, coord. (2024) - Fogo e Morte. Sobre o Extremo Sul no 3º milénio a.n.e. Estudos oferecidos a Victor S. Gonçalves nos 30 anos da edição de *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*. Terra & Tempo #01. Estudos do Museu Municipal de Loulé. Loulé: Câmara Municipal. 496 p.

Fotografia da capa: Furador duplo do Cerro do Castelo de Corte João Marques (ML.A3110; l.18-3) sobre barro amassado (molde?, com pingos de cobre aderentes (ML.A3185; l.18 s/n.). Victor S. Gonçalves.

Paginação e artes finais: Câmara Municipal de Loulé

Impressão: ACD Print

Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 978-989-8978-33-2 / Depósito Legal: 529884/24

Copyright textos ©, 2024, os autores.

Copyright imagens ©, 2024, os autores ou as instituições correspondentes, quando indicadas.

Loulé, 2024

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando-se a sua autoria e não sendo responsável a editora por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

VICTOR S. GONÇALVES nasceu a 14 de Maio de 1946, em Setúbal, de linhagem trasmontana e alentejana. Frequentou o Liceu local, cujo curso concluiu com 20 valores a História e 18 a Filosofia. Em Setembro 1963, inscreveu-se na Faculdade de Letras de Lisboa, onde se licenciou em 20 de Janeiro de 1970, com a classificação de Muito Bom. Foi colocado ainda esse ano na Universidade de Luanda (Sá da Bandeira), onde ensinou Pré-História, Antiguidade Oriental e... Arte contemporânea (de Gaudi à Banda desenhada). Em 1973.03.05, foi chamado para a Faculdade de Letras de Lisboa, onde ensinou até à sua jubilação (2016.05.14) e mesmo depois, no Mestrado. Doutorou-se em 1989.01.07, sob a direcção de Jean Guilaine. Passou a Professor associado em 1992.02.17, e fez a Agregação em 1994.04.01 e o concurso para Professor catedrático em 1996.10.01. Jubilou-se com o que chamou «a antepenúltima lição» (as duas seguintes foram efectuadas no campo...) e o Senado da Universidade de Lisboa concedeu-lhe a categoria de Professor emérito, pela primeira vez atribuída a um arqueólogo, em 2020.09.15, segundo proposta do Conselho Científico da Faculdade de Letras de Lisboa (2018).

A sua investigação decorre por ciclos, o ciclo das penínsulas de Lisboa e Setúbal, o ciclo do Algarve oriental, o ciclo do Alentejo médio e do Guadiana e, de novo, em torno ao Tejo, o ciclo do Vale do Sorraia (o projecto ANSOR, 1980-2022).

É autor de 26 livros, como autor único ou como editor de obras colectivas, e mais de 250 artigos em português, castelhano, francês e inglês...

Como organizador e coordenador de Congressos e Colóquios, publicou as respectivas Actas: (2000) *Muitas antas, pouca gente*, (2003) *Muita gente, poucas antas*, (2010) *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e.*, (2015) *5º Congresso do Neolítico peninsular*, (2017) *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe*. A obra colectiva mais citada em Espanha foi sem dúvida *Cascais há 5000 anos* (2005).

Entre os principais títulos de livros, citam-se (1971) *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*, (1989) *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma perspectiva integrada* (2 vols), (1992) *Reverendo as Antas de Reguengos de Monsaraz*, (1995 e 2003), (1999) *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*, (2003) *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*, (2011) *As placas de xisto gravadas (e os Báculos) do Monte da Barca*, (2008) *A utilização pré-histórica da Gruta de Porto Covo*, (2009) *As ocupações pré-históricas das furnas de Poço Velho*, (2013) *No limite oriental do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e Na margem do Grande Rio. Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas junto ao Guadiana e à Ribeira do Álamo*, (2018) *Casas Novas, numa curva do Sorraia* (Prémio da Academia Portuguesa da História).

De entre os principais artigos referem-se os que constituem a série *Manifestações do sagrado no Ocidente peninsular* (8 textos publicados), e outros em Al-ùlya, Almansor, Archeoscience, Arqueologia e História, Arqueologia, Arquivo de Beja, Arquivo de Cascais, Brigantium, Clio, Clio/

Arqueologia, Cuadernos de Prehistoria da Universidad de Granada, Estudos arqueológicos de Oeiras, Finisterra, Journal of Archaeological Science, Journal of Iberian Archaeology, Journal of lithic studies, Lucerna, Madrider Mitteilungen, Mainaké, O Arqueólogo português, OPHIUSSA, Portugalía, Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Revista Portuguesa de Arqueologia, Science, Setúbal Arqueológica, Trabajos de Prehistoria, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Zephyrus,

Passou o confinamento, sobrevivendo ao Covid 19 (que, felizmente, não quis nada com ele), vendo integrais de várias séries televisivas, agora em blu-ray: Nordic noir (The killing, Borgen, The bridge, Wallander), Animação (Futurama), Comédia (Seinfeld) e muito cinema japonês. Releu a Ilíada, pela enésima vez, James Joyce (Ulysses e Finnegans Wake). Quanto à sua bem amada música, para além de Schubert e Verdi, continuou a ouvir Isabelle Faust e Hillary Hahn, esta última com um extraordinário disco sobre Bach. E duas operas que classificou com 20/20: a Carmen de Bizet, na última versão de Anna Caterina Antonacci, e a Salomé, de Strauss, espectacularmente encenada e com Anna Maria Chiuri como principal intérprete.

Em termos científicos, trabalha na monografia da Cova das Lapas, com Ana Catarina Sousa e Ana Maria Silva, e no artigo sobre a crono estratigrafia do Barranco do Farinheiro (junto ao Sorraia). Preparou um livro que chamou de *Sal e Terra*, em homenagem a um velho amigo (Carlos Tavares da Silva) e tem pendente a monografia do Cabeço do Pé da Erra.



Victor S. Gonçalves bebendo na Ribeira da Corte (1977).

Tábua das matérias

Um

ABERTURA

- 09 Uma nova coleção monográfica do Museu Municipal de Loulé**
Vitor Aleixo, Presidente da Câmara Municipal de Loulé
- 11 Apresentação**
Miguel Tamen, Diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- 13 Préface**
Jean Guilaine, Professeur au Collège de France
- 15 O tempo reencontrado: notas de abertura**
Ana Catarina Sousa, Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Dois

OLHANDO PARA TRÁS E EM FRENTE

- 37 Ana Margarida Arruda.** Uma Montanha Mágica: a Serra do Caldeirão, Victor S. Gonçalves, o CAALG e a UNIARQ
- 63 Victor S. Gonçalves e Marco António Andrade.** Placas votivas e algumas outras manifestações do Sagrado no Megalitismo algarvio: para «uma aproximação integrada»
- 181 Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.** Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve: 43 anos em perspectiva
- 209 Elena Morán e Rui Parreira.** O *Projecto Alcalar* e as novas investigações sobre o 3º milénio no Algarve
- 223 Michael Kunst.** Ideias sobre as fortificações e a violência no Calcolítico da Península Ibérica

- 271** **José Antonio Linares Catela.** Megalitismos en la provincia de Huelva (España). Monumentalidades de la Prehistoria reciente en el suroeste peninsular
- 301** **Catarina Costeira.** A tecelagem no Alentejo e Algarve no 3º milénio A.N.E.
- 349** **Pedro Valério e António M. Monge Soares.** A metalurgia do 3º milénio no Sul de Portugal. A arqueometalurgia de Corte de João Marques e Castelo de Santa Justa revisitada
- 367** **Roberto Risch, Marina Eguíluz e Selina Delgado-Raack.** Artefactos macrolíticos y fuerzas productivas de los asentamientos calcolíticos del sur de la Península Ibérica
- 399** **Ana Catarina Sousa, José Ángel Garrido-Cordero e Carlos P. Odriozola.** A circulação de matérias exóticas no Extremo Sul do Ocidente Peninsular durante os 4.º e 3.º milénios a.n.e.: alguns contributos e muitas questões em aberto

Três

ALGUMAS IMAGENS DE UM ALTO ALGARVE ORIENTAL PERDIDO

- 441** **Victor S. Gonçalves 1976-1977.** Imagens do Alto Algarve Oriental

Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve: 43 anos em perspectiva

Carlos Tavares da Silva¹

Joaquina Soares²

Resumo

Procede-se a breve análise da investigação arqueológica desenvolvida no sul de Portugal, em um percurso que tem origem na já longínqua década de 1970, centrado nos povoados do 3º milénio BC. Demos a conhecer os primeiros resultados do projecto sobre o povoamento calcolítico do Baixo-Alentejo e Algarve em 1976-1977. Destacamos desse trabalho, a construção de uma tipologia para os recipientes cerâmicos daquele período, a qual se manteve, em grande parte, operacional até à actualidade. Destacamos, igualmente, a descoberta do pequeno sítio metalúrgico do Cortadouro sobre esporão debruçado sobre o Mira, com vestígios de exploração mineira. Merece igualmente referência a descoberta do povoado de Alcalar, associado a necrópole há muito conhecida, cuja extensa área de ocupação constituiu anomalia ao paradigma vigente para os sítios de habitat então conhecidos, em geral, com extensão em torno de 1ha. Foi então colocada a hipótese de se tratar de um sítio proto-urbano, polarizador de sistema de povoamento muito hierarquizado. Escavações em área, realizadas décadas mais tarde, viriam a confirmar os resultados da nossa prospecção, integrando o sítio em um tipo à época desconhecido, a macro-aldeia ou mega-sítio de fossos.

Nos anos 80, muito se avançou no conhecimento dos povoados calcolíticos do chamado Sudoeste, com a escavação em extensão dos sítios de Santa Justa, no Alto Algarve Oriental, sob a direcção de Victor S. Gonçalves, e Monte da Tumba, no Torrão, na bacia do Sado, sob a direcção dos signatários; registe-se também a descoberta dos primeiros recintos de fossos no Cabeço do Cubo e em Santa Vitória, por Ana Carvalho Dias e a identificação do santuário exterior do Escoural, sob povoado calcolítico, com as primeiras evidências da Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado, por Mário Varela Gomes. Estas contribuições permitiram salientar o dinamismo da evolução interna das formações sociais autóctones provocado pelo desenvolvimento das respectivas forças produtivas (introdução do arado e carro no âmbito da RPS).

A partir da década de 90, até à actualidade, muitos outros sítios viriam a ser descobertos e objecto de projectos de investigação com destaque para o Médio Guadiana, onde os autores desenvolveram um projecto de arqueologia social a partir da escavação e estudo multidisciplinar da fortificação do Porto das Carretas. António Carlos Valera dedica-se à identificação e estudo de recintos de fossos a partir sobretudo do sítio de Perdigões. No Algarve, Elena Morán e Rui Parreira desenvolvem as primeiras escavações no povoado de fossos de Alcalar, e, mais a norte, Victor S. Gonçalves e Ana Catarina Sousa dão início a um projecto de arqueologia regional, em Coruche, nas margens do Sorraia.

Por fim, os autores preconizam que, de futuro, se passe, de forma sistemática, a privilegiar o estudo dos sistemas de povoamento e estruturas de poder, principalmente no que se refere ao final do 3º milénio, quando a desigualdade tende a perpetuar-se através de organização social piramidal.

Palavras-chave: Calcolítico, história da investigação, Sul de Portugal, sistemas de povoamento, organização social.

¹Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS/AMRS); UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal. ctavaressilva@gmail.com

²Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS/AMRS); UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal. joaquina-soares1@gmail.com

Abstract

Forty years ago the time dimension of the archaeological evidence could mainly be accessed through stratigraphic and typological methods. The echoes of the “first radiocarbon revolution” arrived very late in Portugal. The diffusionist perspectives were dominant. At the second half the 70s of the twentieth century a new generation of archaeologists started to criticize the theory of the Aegean colonies, that explained the origins of the tholoi tombs and Chalcolithic fortifications of Los Millares and Vila Nova de S. Pedro “cultures”. Thus the first field survey project to identify Chalcolithic settlements took place in Baixo Alentejo and Algarve guided by the Estremadura fortification model. The results were published in 1976-77. The settlement of the necropolis of Alcalar was identified; the large occupied surface was anomalous when compared with the small-medium sized Chalcolithic fortifications of the Estremadura; a hypothesis of a proto-urban site polarizing a hierarchical settlement system had been proposed. In the 1980s, two important Chalcolithic walled-enclosures had been excavated in extent at southern Portugal: the metallurgical site of Santa Justa, located at the Iberian Pyrite Belt, Oriental Algarve and Monte da Tumba, a typical border fortification at the Sado river basin that we currently think could be integrated in the Porto Torrão territory. Besides this, the open air rock art sanctuary of Escoural provided the first engravings connected with the Secondary Products Revolution: bucrania, cart and plough underneath a Chalcolithic fortification. For the first time in Portugal, a ditched enclosure had been identified at Cabeço do Cubo (Campomaior). The focus of research shifted to the endogenously rooted chalcolitization process. The dimension of continuity had been mainly suggested by ceramics; these artifacts became highlighted after the publication of the first detailed study and typological table at 1976-77. Debates concentrated on production intensification, development of metallurgy and craft specialization vs. social division of labor as well as in exchange network.

In the 1990s onwards the empirical record in southern Portugal experienced a great increasing due to public works; many new archaeological sites have been registered, mainly in the Middle Guadiana basin, where the authors developed a project of social archaeology at the walled enclosure of Porto das Carretas, built in the beginning of the 3rd millennium BC. The interpretation of data was based on the concept of local productive system, integrated in the markedly hierarchical territory of the La Pijotilla mega-site. Other macro-villages surrounded by ditches, that appeared as central places of organized territories (political, religious, residential and funerary functions included), have been objects of research projects like Porto Torrão and Perdigões.

A multidisciplinary approach in the sense of science-based archaeological research led to a detailed biography of Porto das Carretas. Thus, in this site it was possible to perceive the major changes, occurred by the mid/third quarter of the 3rd millennium BC, changes that have been observed lately at the whole Iberian Southwest in their general trends: the collapse of walled enclosures and the associated tribal/segmentary society replaced by the construction of monumentalized towers-fortresses, from the International Bell Beaker occupation onwards. At Porto das Carretas, the new architectural pattern is seen as an eloquent expression of the local elite, who would earn their wealth by the trade of metals and salt (?).

The current debate about the social organization of Southern Portugal in the 3rd millennium is polarized between the proposals of a hierarchical society with increasingly competing lineages linked to the long-lasting traditional kinship based societies, evolving into likely chiefdoms of unstable elites and an opposite model of a stratified society ruled by an early State.

Keywords: Chalcolithic, research history, southern Portugal, settlement systems, social organization.

O projecto “Povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve”

No início da década de 70 do século passado, o Calcolítico do Baixo Alentejo e Algarve era conhecido somente por testemunhos de carácter funerário, constituídos principalmente por monumentos de falsa cúpula. Desconheciam-se os povoados. Em face desta lacuna — e, ao mesmo tempo, procurando colocar em evidência os mecanismos socioculturais de mudança desencadeados no interior das sociedades do Neolítico final regional e, *ipso facto*, contestar a teoria das colónias que pretendia explicar a emergência do Calcolítico quer no Sudeste peninsular (Los Millares) quer na Estremadura (Vila Nova de S. Pedro e Zambujal) através da chegada de colonos originários do Egeu —, os signatários, enquadrados institucionalmente no recém criado Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, desenvolveram um projecto de investigação direccionado para o povoamento do Sul de Portugal durante o III milénio B.C., cujos primeiros resultados foram publicados em 1976-77 (Tavares da Silva e Soares, 1976-1977), sendo então apresentados cinco povoados: Cabeço da Mina, no Torrão; Vale Pincel II e Monte Novo, em Sines; Cortadouro, em Ourique e Alcalar, em Portimão.

Do estudo então efectuado, destacamos a construção de uma tipologia dos artefactos cerâmicos (Figura 1) — espólio esmagadoramente dominante —, a qual se manteve em grande parte operacional até aos nossos dias. Esta tipologia morfo-tecnológica, onde a decoração estava quase ausente, permitiu, ao proceder-se à análise comparativa da frequência da sua distribuição pelos povoados identificados (Figura 2), evidenciar dois horizontes estilísticos distintos. Um, representado pelo Cabeço da Mina e por Vale Pincel II, mais antigo, considerado da transição para o Calcolítico (hoje claramente integrado no Neolítico final), outro do Calcolítico pleno, pré-campaniforme (Monte Novo, Cortadouro e Alcalar) (Figura 3). Os sítios atribuídos ao primeiro horizonte cronológico e cultural ocupavam áreas relativamente dispersas, com boas condições de visibilidade (localização em média encosta e em cumeada), e, no que à cultura material concerne, caracterizavam-se pela elevada frequência de taças carenadas que viriam a adquirir, no curto prazo, estatuto de verdadeiro “fóssil director” do Neolítico final do Sudoeste ibérico. No repertório cerâmico dos povoados calcolíticos dominava o prato de bordo espessado/almendrado.

Os três povoados atribuídos ao Calcolítico pré-campaniforme, com base na tipologia dos artefactos cerâmicos, apontavam para uma diversidade funcional que apenas era possível descortinar timidamente à escassa luz da informação à data disponível. O sítio do Cortadouro, sobre um chapéu de ferro da zona piritosa alentejana, alongado em esporão sobranceiro ao Mira, com uma área máxima que não ultrapassaria 1 ha, apresentava-se fortificado segundo o “conceito estremenho” e possuía não só artefactos de cobre, como exibia um talude artificial de corte mineiro; foi justamente interpretado como um povoado especializado na metalurgia do cobre.

A identificação do povoado correspondente à necrópole de Alcalar (Portimão) foi previamente realizada em gabinete, no mapa, onde antes Estácio da Veiga (1889) havia assinalado os monumentos funerários. Na saída de campo, o povoado impôs-se-nos como um velho conhecido. Percorrida a área de dispersão de artefactos e observados os taludes de demarcação das propriedades do antigo cadastro onde era possível ler a presença de camadas arqueológicas, fomos surpreendidos pela enorme extensão do sítio, sem paralelos nos nossos conhecidos povoados calcolíticos da Estremadura, hoje facilmente integrável no grupo das macro-aldeias de fossos (Morán, 2019). Escrevemos então: *“pelas suas dimensões e pela necrópole que [...] lhe corresponde representaria, possivelmente, uma forma embrionária de organização urbana”* (Tavares da Silva e Soares, 1976-77, p. 267).

Monte Novo, pelo contrário, ocupava uma pequena área do topo da vertente meridional do maciço ígneo dos Chãos de Sines, defendido por perímetro murado com inclusão de afloramentos e grandes blocos que haviam pertencido a cromeleque correlacionável com Vale Pínel II, desmantelado e reutilizado por imperativo de defesa. A implantação topográfica do habitat mudara a partir do Neolítico final; agora era, em geral, de altura, com boa visibilidade e condições naturais de defesa e por vezes fortificado, contrastando com a localização dos estabelecimentos habitacionais de períodos anteriores, situados em áreas abertas, planas e arenosas, sem condições naturais de defesa. Questionavam-se as razões subjacentes às mudanças nos padrões locativos do habitat e nas estratégias de povoamento.

Não era possível continuar a recorrer ao *naïf* difusionismo démico. As fortificações atribuídas às “ilhas culturais” de Los Milhares e Vila Nova de S. Pedro, de “fundação mediterrânea oriental”, afinal tinham uma larga distribuição pelo chamado território indígena. Desmontada a falácia do dualismo colonos/indígenas, era agora possível abordar a mudança a partir da dinâmica socioeconómica, histórica e cultural das comunidades autóctones sem esquecer obviamente as redes de troca, relação e interacção que mais ou menos conjunturalmente foram sendo tecidas.

Defendemos que a prática da metalurgia do cobre só foi possível graças ao desenvolvimento das forças produtivas, no domínio das técnicas agrícolas. Só a produção de excedentes agro-pecuários teria permitido manter artífices especializados na actividade metalúrgica, originando-se, deste modo, uma importante divisão social do trabalho. Com esta, criam-se as condições de apropriação progressiva dos excedentes da produção, iniciando-se um processo de diferenciação e desigualdade sociais. Admitia-se, porém, não ser ainda possível *“definir o modo de produção da sociedade calcolítica do Sul de Portugal”*, mas acreditávamos *“estar em presença de uma fase de transição da sociedade igualitária para a sociedade de classes”* (Tavares da Silva e Soares, 1976-77, p. 267).

Nova fase no estudo do povoamento calcolítico do Sudoeste português

Na mesma década, no âmbito da cartografia arqueológica do Alto Algarve Oriental, Victor S. Gonçalves identifica, em 1977, o povoado do Cerro do Castelo das Mestras e, no ano seguinte, o Cerro do Castelo de Corte João Marques e o Cerro do Castelo de Santa Justa (Gonçalves, 1979).

As Sondagens de imediato realizadas no segundo, revelaram um povoado nitidamente agro-metalúrgico (Gonçalves, 1979), afirmando-se, uma vez mais, a importância da metalurgia do cobre durante o III milénio B.C. no Sul do País.

Na década de 1980, ocorrem novas descobertas de povoados calcolíticos no Baixo e Alto Alentejo, sendo de destacar, por terem sido objecto de escavações, o Cerro dos Castelos de São Brás, Serpa (Parreira, 1983), Monte da Tumba, Torrão (Tavares da Silva, Soares e Gomes, 1982; Tavares da Silva e Soares, 1985, 1987, 1988), Castelos do Torrão (Tavares da Silva e Soares, 1986), Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1988-89). No âmbito das prospeções sistemáticas realizadas nas margens do Guadiana e afluentes, tendo por objectivo o estudo de avaliação do impacto ambiental da construção da barragem do Alqueva (Tavares da Silva, Soares e Mascarenhas, 1986), foram identificados, entre outros, os povoados calcolíticos fortificados do Porto das Carretas, Senhora da Giesteira e Moncarxa (Soares e Tavares da Silva, 1992).

Dois dos povoados anteriormente mencionados, Santa Justa (Gonçalves, 1979a) e Monte da Tumba (Tavares da Silva e Soares, 1987), irão ser escavados em área, ainda nos anos de 1980.

Inaugura-se, assim, uma nova fase no estudo do povoamento calcolítico do Sul de Portugal. Ambos foram habitados ao longo do III milénio B.C. (no caso do Monte da Tumba, logo a partir dos inícios desse milénio – Soares e Cabral, 1987); fortificados à semelhança do que se conhecia na Estremadura, com panos de muralhas providos de bastiões, fortificações que se foram complexificando no decurso do III milénio: cinco fases construtivas em Santa Justa (Figura 5), quatro no Monte da Tumba (Figura 7); ambos revelaram economia agro-metalúrgica (Figuras 6 e 14). A cultura material móvel dos dois povoados revelava inequívocas semelhanças ao longo da diacronia das respectivas fases de ocupação, apesar da distância e distintos enquadramentos geográficos (Serra Algarvia e bacia do médio Sado). Diferenciava-se, porém, da da Estremadura, permitindo reforçar a distinção entre o Calcolítico estremenho e o Calcolítico do Sudoeste (Tavares da Silva, Soares e Cardoso, 1995).

Os diagramas cumulativos (Figura 15) resultantes da comparação das frequências acumuladas das formas cerâmicas das Fases I e II do Monte da Tumba com as das Fases II e III de Leceia, respectivamente, ilustram bem as diferenças entre a cerâmica do Monte da Tumba e a de

Leceia. Aplicando o teste de Kolmogorov-Smirnov (adaptado por Freeman, 1971) à avaliação objectiva dessas diferenças, verifica-se que é significativa a diferença entre a Fase I do Monte da Tumba e a Fase II de Leceia ($\Delta K = 5,65$) e entre a Fase II do Monte da Tumba e a Fase III de Leceia ($\Delta K = 3,64$). Isto significa que as probabilidades das colecções cerâmicas do Monte da Tumba e de Leceia pertencerem à mesma população são inferiores a 1/1000. Pelo contrário, se compararmos as mesmas colecções do Monte da Tumba com a cerâmica do Cortadouro (povoado coevo e também situado na área do Sudoeste) verifica-se entre ambas grande similitude ($\Delta K = 0,60$) (Tavares da Silva, Soares e Cardoso, 1995).

De assinalar que os estudos arqueológicos quer de Santa Justa quer do Monte da Tumba foram acompanhados por diversas publicações de outras especialidades, afirmando-se, deste modo, um então quase inédito processo metodológico de interdisciplinaridade. No que se refere ao Monte da Tumba, procedeu-se ao estudo da vegetação, através de análises polínicas (Pais, 1987) e antracológicas (Figura 9) (Badal, 1987); da fauna mamalógica (Figuras 10 e 11) (Antunes, 1987); da arqueometria do espólio metálico (Quadro I) (Gil e Guerra, 1987); da cronologia absoluta (Figura 8) (Soares e Cabral, 1987); e das pastas cerâmicas pela microscopia petrográfica (Coelho e Cardoso, 1992).

O santuário exterior do Escoural e a Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado. A génese do modo de produção calcolítico a partir do substrato autóctone do Neolítico final

Em 1983, foi dado a conhecer o santuário exterior do Escoural (Gomes, Gomes e Santos, 1983, 1994), onde foram identificadas gravuras de bucrâneos associadas a carro e arado (Figura 16), datáveis do Neolítico final/Calcolítico inicial. Esta importante descoberta, ao testemunhar a utilização na agricultura da força de tracção animal, talvez o aspecto mais relevante da Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado (RPS), permitiu compreender o ciclo de desenvolvimento socioeconómico, de carácter endógeno, que, suportado justamente pela RPS, levou à emergência das primeiras sociedades agro-metalúrgicas (Soares, 2003). Os ganhos de produtividade e o aumento do volume da produção em resultado da intensificação proporcionada pela agricultura de arado ao gerarem excedentes, favoráveis ao aumento demográfico e crescente sedentarização, exerceram uma maior pressão nas necessidades de defesa quer dos solos férteis dos territórios organizados, quer na salvaguarda dos excedentes agro-pecuários. A construção das primeiras fortificações durante o Calcolítico podia assim ser explicada no quadro do desenvolvimento interno das sociedades precedentes e não da implantação de “culturas exógenas” (Tavares da Silva e Soares, 1987). A teoria difusionista que vinha atribuindo a construção de fortificações a colonos orientais tornou-se obsoleta. O paradigma “endogenista”, não necessariamente autárcico, tornou-se genericamente consensual, mau grado a persistência de reminiscências das leituras simplistas do debate então ocorrido (Blanco-González et al., 2018).

A partir do final dos anos 80, prosseguem as investigações sobre o povoamento do Sudoeste português com a realização de escavações em povoados como Sala1, Pedrógão (Gonçalves, 1989b), Porto das Carretas, Mourão (Tavares da Silva e Soares, 2002; Soares e Tavares da Silva, 2010; Soares, 2013), Torre do Esporão, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1991), Mercador, Moinho de Valadares 1, Monte do Tosco 1, e Julioa 4, em Mourão (Valera, 2013a), Miguens 3, Alandroal (Calado, 2002), São Pedro, Redondo (Mataloto, Estrela e Alves, 2007), investigações que se estendem ao litoral, revelando ocupações dedicadas ao marisqueio, como por exemplo a da Etar de Vila Nova de Mil Fontes (Tavares da Silva e Soares, 1997) ou a da Camada 1A, conquífera, de Montes de Baixo, na margem direita da Ribeira de Seixe (Tavares da Silva e Soares, 1997), umas provavelmente de carácter sazonal e dependentes de estabelecimentos de base situados no interior, outras revelando, por hipótese, autonomia e vocação agro-marítima, localizadas em ambiente estuarino, onde a exploração de sal por via ígnea constituiria a principal componente económica destinada às trocas com o interior. Neste último caso, poderíamos falar de uma divisão socio-territorial do trabalho (Soares, 2000, 2001, 2008, 2013b).

Recintos de Fossos

Se os recintos fortificados calcolíticos se identificaram primeiramente na Estremadura, os recintos de fossos viriam a ser descobertos pela primeira vez no Alentejo, na década de 1980. O primeiro recinto de fossos foi identificado em Campo Maior, no Cabeço do Cubo (Oliveira e Dias, 1982), seguido pelo de Santa Vitória, no mesmo concelho, em 1985 (Dias, 1996). Mas seria a partir da década seguinte que a investigação dirigida para este novo tipo de jazida na arqueologia portuguesa se intensifica, contando-se actualmente com largas dezenas de sítios cercados por fossos no Sul do país. Com plantas em geral de tendência circular e quase sempre integrando várias linhas de fossos mais ou menos concêntricas, *“apresentam dimensões internas muito variáveis que podem ir desde pequenas dezenas de metros quadrados a algumas centenas de hectares”* (Valera, 2013b), como é o caso do Porto do Torrão, Ferreira do Alentejo (Valera e Filipe, 2004), com cerca de 100 ha. Este tipo de jazida desenvolve-se no Neolítico final e Calcolítico, embora existam referências nem sempre credíveis a raros casos mais antigos. Como interpretá-los funcionalmente? Alguns autores têm-nos considerado locais de carácter cerimonial: *“Muitos destes recintos de fossos [...] parecem poder ser interpretados como centros cerimoniais, espaços de reuniões periódicas de comunidades locais”* (Valera, 2013b, p. 10). Outros enfatizam a função residencial, não descartando as funções funerária e cerimonial (Hurtado, 2010).

Numa abordagem holística do que seria o quotidiano daquelas comunidades, um dos signatários (Soares, 2013a, 2016) tem proposto para as macro-aldeias de fossos e silos o conceito de povoado total, com integração das funções residencial, económica, funerária, política e religiosa, já que os mesmos polarizam os territórios organizados, neles co-habitando a totalidade das funções próprias de uma comunidade humana de organização pré-estatal, com destaque para o armazenamento quer de alimentos, quer de água, concentração de força de trabalho e

trabalho artesanalmente especializado, reservas de solo agrícola, funções funerária e religiosa, ideológica e política. Como bons exemplos deste tipo de sítio cujas escavações têm revelado informação pertinente, importa referir La Pijotilla e San Blas (Hurtado, 2010), Marroquies Bajos (Castro Lopez et al., 2008), Perdigões (Valera, 2013b) (Figura 17), Alcalar (Morán, 2019).

Contudo, em Portugal, já que em Espanha o ritmo de avanço na teoria arqueológica foi mais rápido, a integração de povoados de fossos e povoados fortificados em modelos coerentes de povoamento só viria a acontecer na actualidade (Soares, 2013a). Não fará grande sentido continuar a pensar sítios fortificados e recintos de fossos como realidades dissociadas.

Sistemas de povoamento e organização social

Esta linha de investigação sobre os povoados calcolíticos do Sul de Portugal, observada aqui muito brevemente nos seus já longos 43 anos de existência, orienta-se, a partir de 2000, para outras problemáticas, de índole vincadamente social (Soares e Tavares da Silva, 2000): elaboração de novos inquéritos para o registo empírico direccionados para a captação, interpretação e explicação dos sistemas de povoamento; produção de conhecimento sobre a evolução da organização social durante o III milénio B.C..

Em 2001, F. Nocete, no âmbito da sua teoria da origem do Estado prístino, elabora um modelo de povoamento para o Calcolítico do Sudoeste peninsular (Figura 18), implantando uma rede poligonal desenhada a partir dos “centros políticos” com áreas superiores a 50ha. Deste modo, cria três grandes divisões territoriais e políticas dominadas pelo Porto do Torrão (Ferreira do Alentejo), a ocidente, Pijotilla (Badajoz), a nordeste, e Valencina de La Concepción (Sevilha), a sudeste, macro-aldeias rodeadas por fossos.

Em 2013, J. Soares propõe, para a Bacia do Médio Guadiana, durante a primeira metade do III milénio B.C., um modelo teórico de organização social constituído por formação social tribal complexa, cujo centro (Figura 19) estaria sediado em La Pijotilla. O grande povoado de San Blas, dependente de La Pijotilla, poderia centralizar um segmento clânico da mesma formação social. Julioa 4/Luz 20, com estatuto de lugar central similar ao de San Blas, embora de menores dimensões, coordenaria, no chamado Triângulo da Luz, uma rede de povoamento local hierarquizada (sistema produtivo local), integrando em um segundo nível hierárquico povoados fortificados, de fronteira intertribal, como Porto das Carretas e Monte do Tosco 1, e, na base da estrutura hierárquica, sítios de pequena dimensão e abertos, como Mercador, Hortinho e Moinho de Valadares 1. A mesma autora caracterizou do seguinte modo a dinâmica social no decurso do III milénio B.C. (Soares, 2013a):

1) Por volta de 3200 cal B.C., inicia-se um ciclo de desenvolvimento ímpar na Pré-história peninsular desencadeado pela integração da criação de gado na agricultura (Soares, 2003), a RPS que desbloqueou a estagnação socioeconómica do Neolítico médio (tenha-se

presente que o alheamento da maior parte do continente africano a este evento constituiu um grave travão ao seu posterior desenvolvimento) e cujos resultados económicos e sociais se manifestam arqueologicamente com grande visibilidade em torno a 2900/2800 B.C., através de: boom demográfico; fundação de numerosos povoados fortificados; estruturação de sistemas produtivos locais enquadrados em unidades tribais complexas comandadas por extensas macro-aldeias (Soares, 2013a), em alguns casos geridas por poder teocrático, como pode ter ocorrido em Valencina de la Concepción com particular expressão no *tholos* de Montelíro (García Sanjuán, Fernández Flores e Díaz-Zorita Bonilla, 2016); primeiras formas de divisão social do trabalho: tecelagem, metalurgia e sal (Soares, 2013b).

2) Cerca de 2600 cal B.C. surgem os primeiros indícios de recessão e em torno a 2500 o sistema económico instalado sofre uma profunda reorientação imposta pela emergência de uma economia de bens de prestígio de larga escala (Complexo Campaniforme). As actividades artesanais associadas às fileiras produtivas dos metais (cobre arsenical e ouro) e dos têxteis terão constituído o principal motor de desenvolvimento. As muralhas calcolíticas colapsam e sobre os seus derrubes surgem torres monumentalizadas; as fronteiras territoriais desactivam-se, a norma é agora o intercâmbio. O poder político seria representado no registo funerário por sepulturas individuais, acompanhadas de armas e bens de prestígio, como ouro, ou reutilizando sepulturas ancestrais e tirando partido de retóricas memorialistas. Este poder instável e personalizado, detido por elites estritas bem implantadas em quase todo o território ibérico (Gonçalves, 2017) tem na cerâmica campaniforme, para lá dos estilos e da sua diacronia, o reconhecimento de uma linguagem comum que as enormes distâncias material ou imaterialmente percorridas não lograram apagar. Estas presumíveis chefaturas incipientes são quiçá uma última (?) forma de resistência ao Estado. Sucumbirão também elas no final do milénio, abrindo no Sudoeste uma profunda crise, da qual muito provavelmente se alimentou o primitivo Estado de El Argar (Lull et al., 2015). O chamado Bronze antigo, a que correspondem no Centro/Sul de Portugal o Campaniforme tardio e o Horizonte de Ferradeira, de 2200 a 1800 B.C., é por agora o tempo de maior obscuridade e de desarticulação social, que opera o corte com as sociedades heterárquicas e dá origem à caminhada para o Estado.

No que se refere à evolução do povoamento, durante a Pré-história recente, no território da Baía de Lagos, E. Morán (2019) estabeleceu três grandes fases (Figura 20). Na mais antiga, datada da segunda metade do V e primeira metade do IV milénios B.C., assiste-se a um povoamento disperso de colectores-caçadores-pescadores-agricultores que se organiza através de estabelecimentos estáveis complementados por *habitats* temporários especializados na exploração de recursos cíclicos (p. ex. marisco). Na segunda fase, entre meados do IV e o final do III milénios B.C., forma-se, na elevação de Alcalar, uma macro-aldeia que atinge 25ha e se consolida como centro de Poder no âmbito de um Estado prístino, dominando um território povoado por comunidades dispersas que se estende desde a Ribeira de Alvor às vertentes meridionais da Serra de Monchique. Por fim, na terceira fase, na transição do III para o II milénios B.C., ocorre a decadência e o colapso do Estado prístino de Alcalar, surgindo

pequenos estabelecimentos auto-suficientes. O colapso do modo de produção calcolítico de Alcalar tem expressão, neste povoado, na reestruturação da sua área habitacional, com o espaço doméstico a deixar de estar delimitado por fossos e a agregar a função funerária; o celeiro é desactivado (Morán, 2019).

Epílogo

Após 43 anos de investigação arqueológica dedicada aos povoados do III milénio do Sul do País, investigação que tendo-se iniciado no Baixo Alentejo e Algarve se estendeu ao Alto Alentejo, verificamos que a organização do povoamento é bem mais complexa que os trabalhos pioneiros dos anos 70 patenteavam. Com efeito, nos sistemas de povoamento em que esses estabelecimentos se organizaram, a diversidade funcional inter-habitat, na primeira metade desse milénio, é indiscutível. Deixou de fazer sentido pensar a paisagem calcolítica a partir do sítio; é preciso identificar a rede de povoamento mínima em que ele se torna significativa, ou seja, o sistema produtivo local.

Por outro lado, constata-se que, em meados do III milénio, ocorrem transformações profundas que desarticulam os sistemas de povoamento e de poder precedentes, que originam movimentos de fissão das antigas comunidades a caminho da planície, colapso dos povoados cercados por muros ou fossos, a emergência de torres-fortaleza, sinalizando o novo poder personalizado, concentrado em elites restritas. Esta nova forma de organização social, mais hierarquizada e desigual que a anterior, espelha-se com grande eloquência nos espaços funerários, agora constituídos por sepulturas individuais, algumas com ricos espólios onde se destacam armas em cobre arsenical e ornamentos de ouro. O novo poder parece pois indissociável da metalurgia e ideologia guerreira, a partir da segunda metade do III milénio B.C..

É, pois, perante esta diversidade de situações arqueológicas que a investigação futura se deverá orientar, quer na definição e contextualização do objecto de estudo, a partir de prospecções exaustivas e sistemáticas, não fazendo sentido abordagens dirigidas para sítios de forma isolada. Tomem-se como exemplos os projectos desenvolvidos em Mourão, na Bacia do Médio Guadiana, na Baía de Lagos, ou presentemente em curso, em Coruche, por V. S. Gonçalves e A. C. Sousa (Gonçalves, Sousa e Andrade, 2017).

Com recurso à ampla pluridisciplinaridade disponibilizada pelas arqueociências, embora sob controlo de questões colocadas ao registo empírico de acordo com os princípios teóricos que animam o núcleo duro da ciência arqueológica enquanto paleo-sociologia, parece-nos importante que a investigação se dirija, de modo mais aprofundado, para o conhecimento das relações sociais que enformaram os dois modos de produção identificados no III milénio B.C., fase crucial para o conhecimento dos mecanismos que estiveram na origem do Estado.

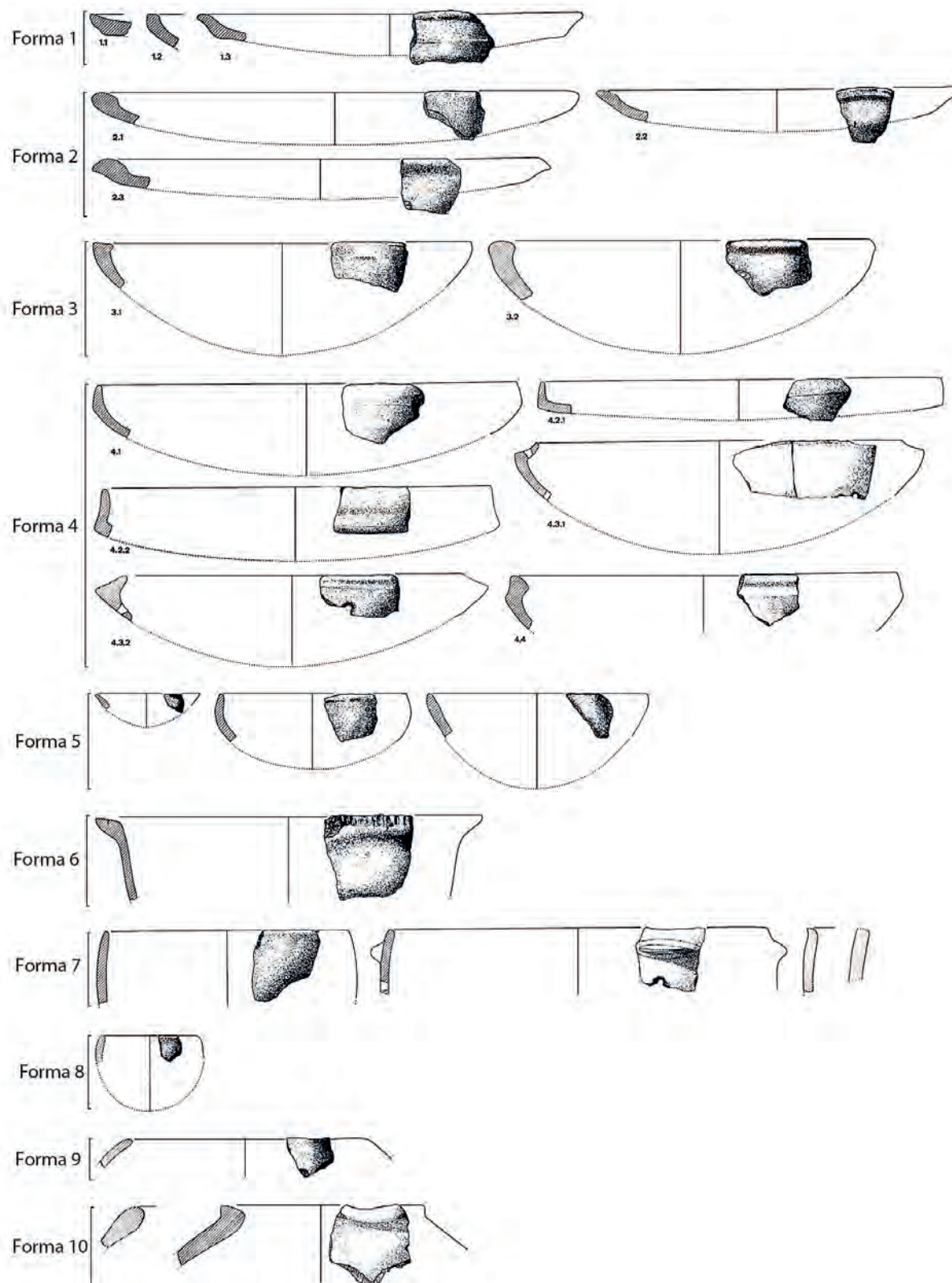


Figura 1: Tipologia cerâmica dos povoados publicados em 1976-77. Seg. Tavares da Silva e Soares, 1976-77.

FOGO E MORTE. SOBRE O EXTREMO SUL NO 3.º MILÉNIO A.N.E.
ESTUDOS OFERECIDOS A VÍCTOR S. GONÇALVES NOS 30 ANOS DA EDIÇÃO DE
MEGALITISMO E METALURGIA NO ALTO ALGARVE ORIENTAL, UMA APROXIMAÇÃO INTEGRADA

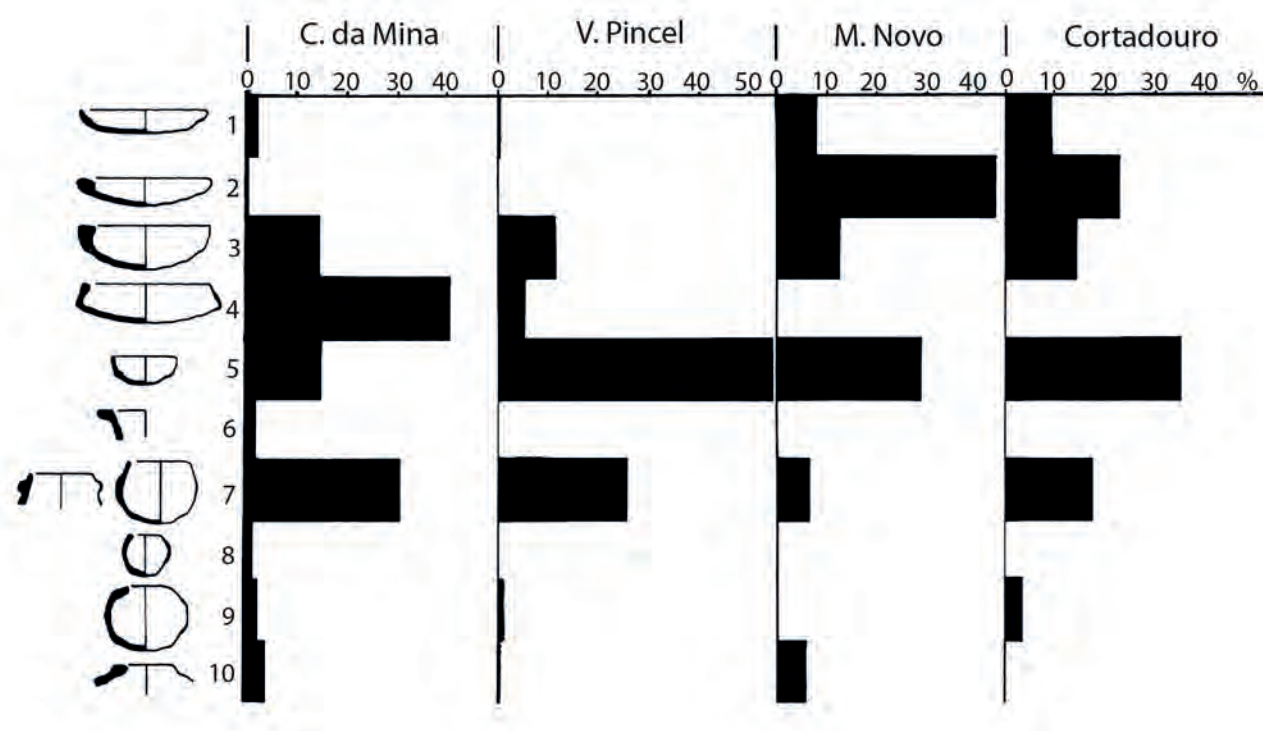


Figura 2: Distribuição das principais formas cerâmicas pelos povoados publicados em 1976-77. Seg. Tavares da Silva e Soares, 1976-77.

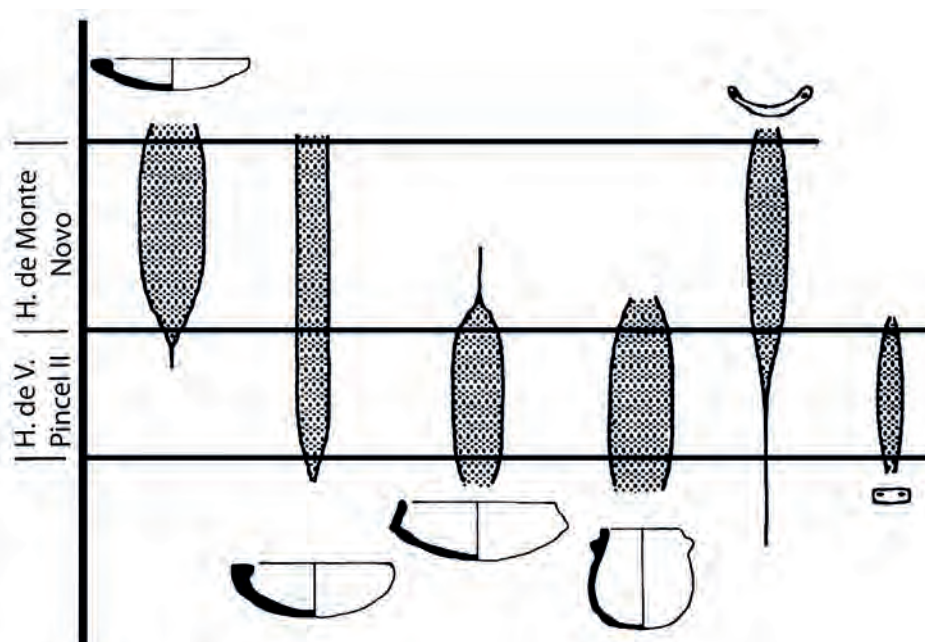


Figura 3: Evolução das principais formas cerâmicas dos povoados publicados em 1976-77.

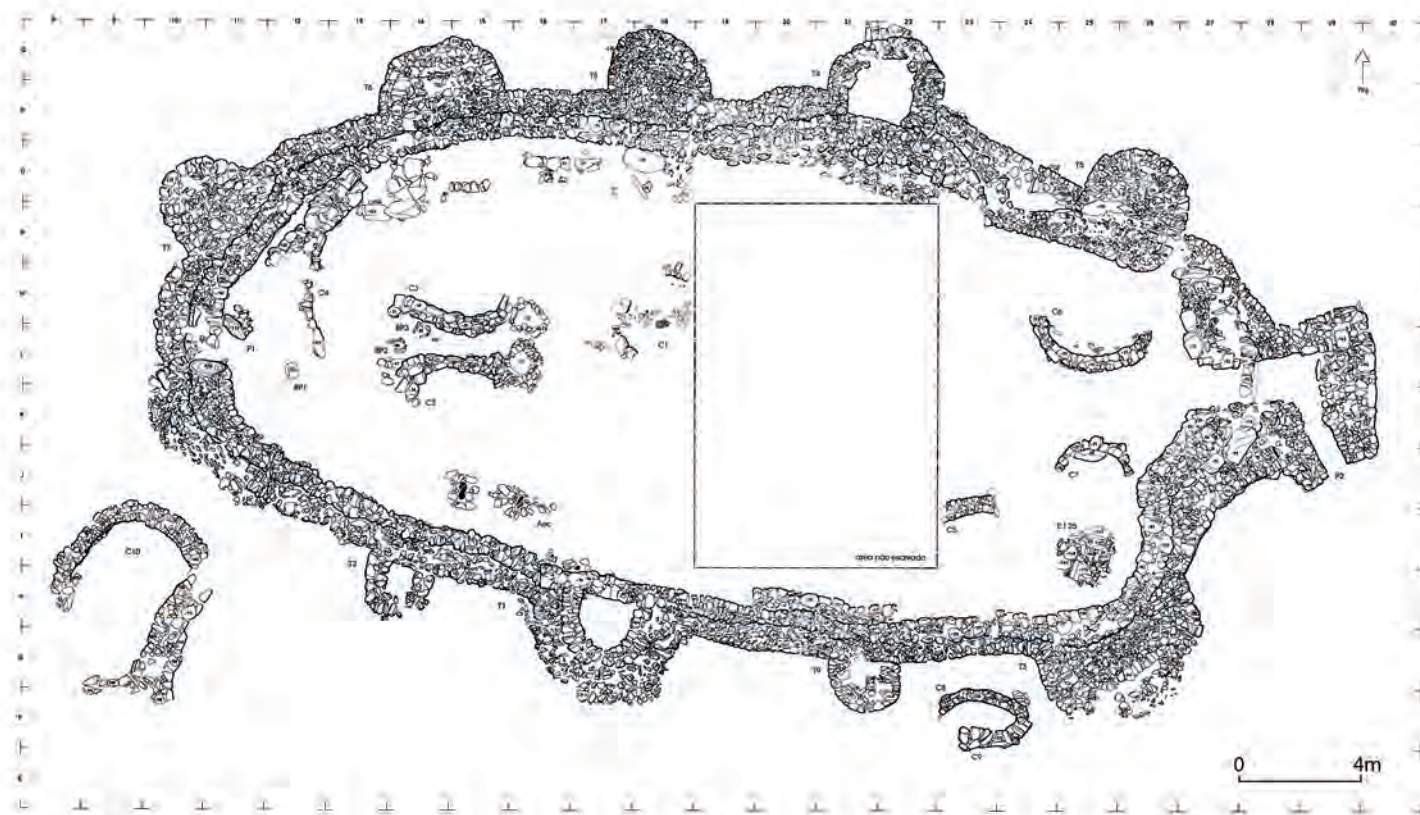


Figura 4: Planta geral do povoado fortificado de Santa Justa. Seg. Gonçalves, 1989a.

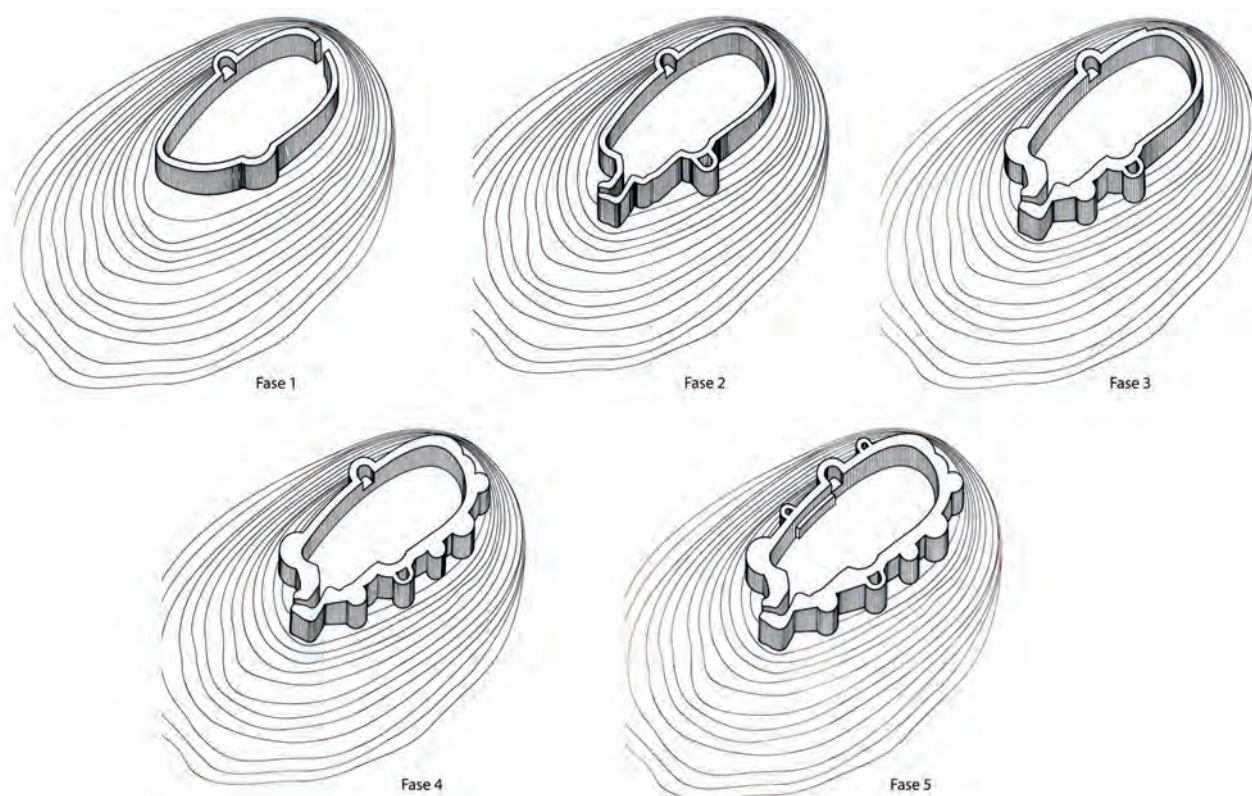


Figura 5: Fases da sequência construtiva da fortificação de Santa Justa. Seg. Gonçalves, 1989a.

FOGO E MORTE. SOBRE O EXTREMO SUL NO 3.º MILÉNIO A.N.E.
ESTUDOS OFERECIDOS A VÍCTOR S. GONÇALVES NOS 30 ANOS DA EDIÇÃO DE
MEGALITISMO E METALURGIA NO ALTO ALGARVE ORIENTAL, UMA APROXIMAÇÃO INTEGRADA

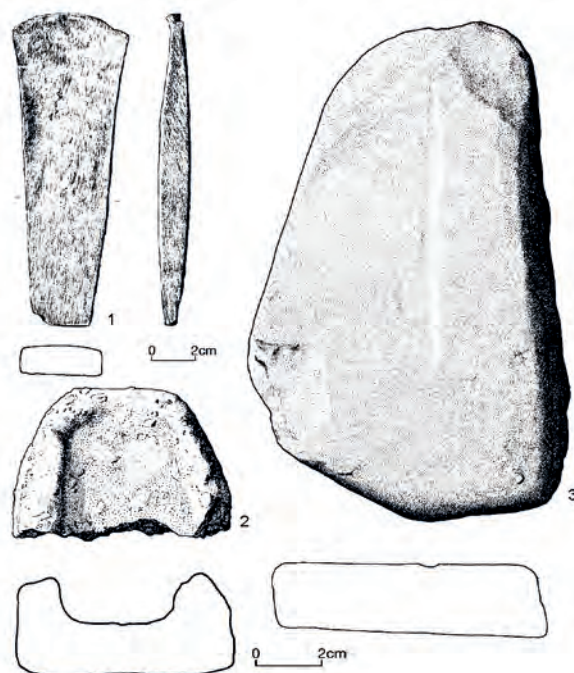


Figura 6: Materiais relacionáveis com actividade metalúrgica de Santa Justa. 1 - machado plano de cobre; 2 - cadinho de fundição; 3 - molde para punções. Seg. Gonçalves, 1989a.

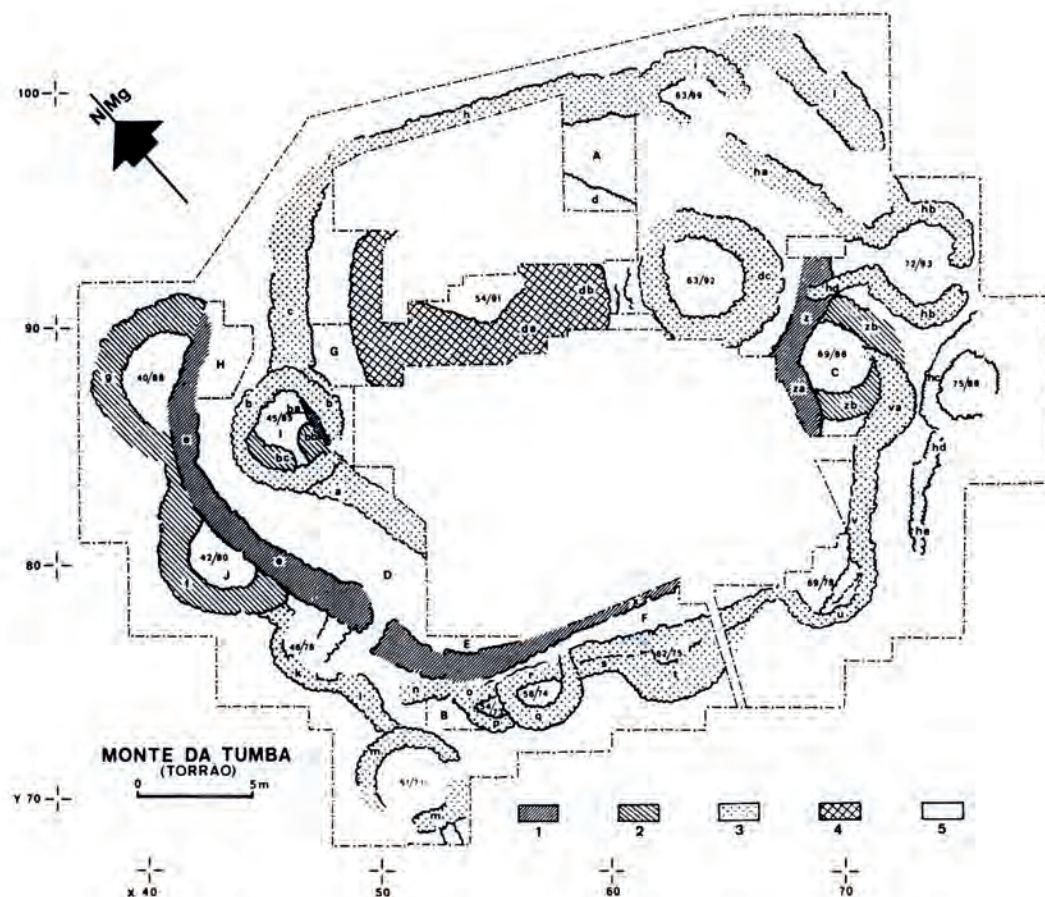


Figura 7: Fases construtivas da fortificação calcolítica do Monte da Tumba. 1 - Fase A; 2 - Fase B; 3 - Fase C; 4 - Fase D; 5 - fase indeterminada. Seg. Tavares da Silva e Soares, 1987.

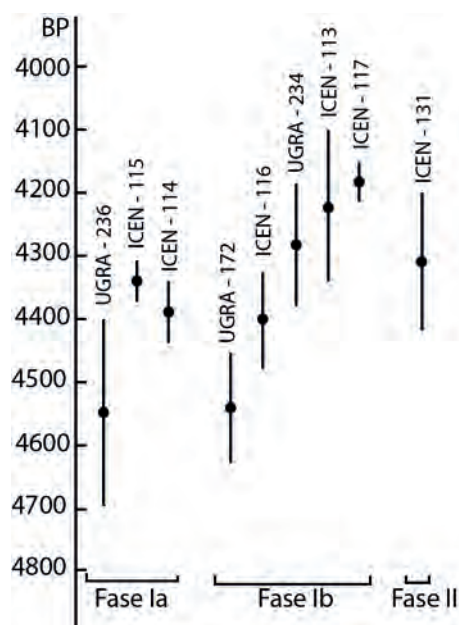


Figura 8: Monte da Tumba. Cronologia radiocarbónica. A ocupação do povoado ter-se-ia iniciado nos finais do IV ou início do III milénios cal BC. A Fase I de ocupação (Fases A e B de construção) não terá ultrapassado a 1ª metade do III milénio cal BC. Seg. Soares e Cabral, 1987.

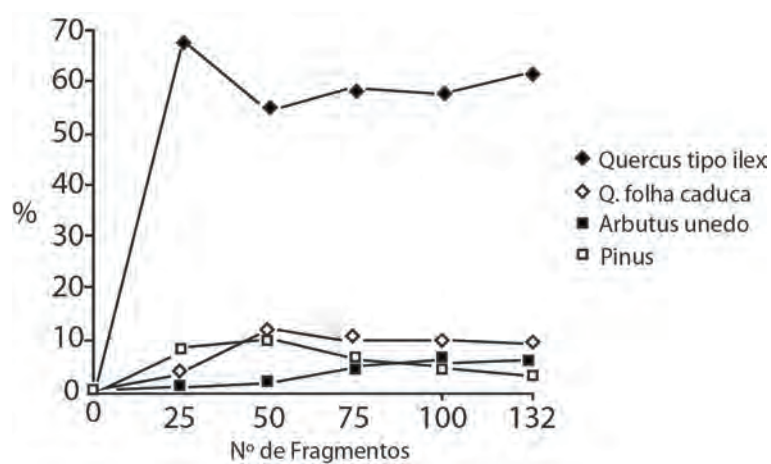


Figura 9: A análise antracológica de carvões exumados do Monte da Tumba permitiu concluir que a respectiva paisagem vegetal estaria dominada por um bosque de *Quercus* de folha perene e pinheiros, com um estrato arbustivo de *Phillyrea*, medronheiros e rosáceas. Nos espaços abertos do bosque desenvolver-se-ia o mato de roselhas, zambujeiros, leguminosas, etc., certamente favorecido pela acção antrópica. Seg. Badal Garcia, 1987.

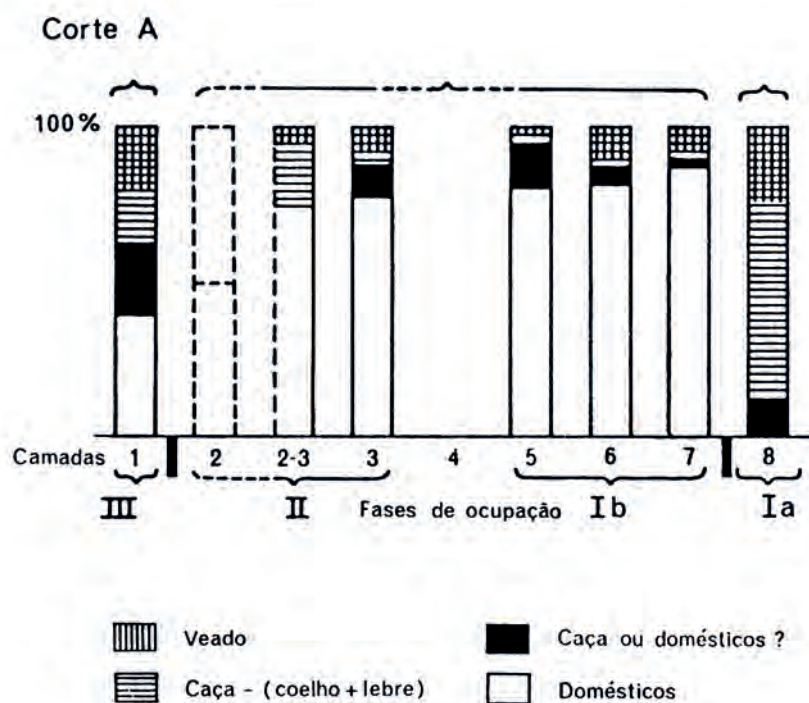


Figura 10: Monte da Tumba. Fauna mamalógica. Notar a preponderância de animais domésticos nas camadas 7 a 2, em contraste com a exclusividade de caça (cam. 8) ou seu predomínio (cam. 1). Seg. Antunes, 1987.

Corte A

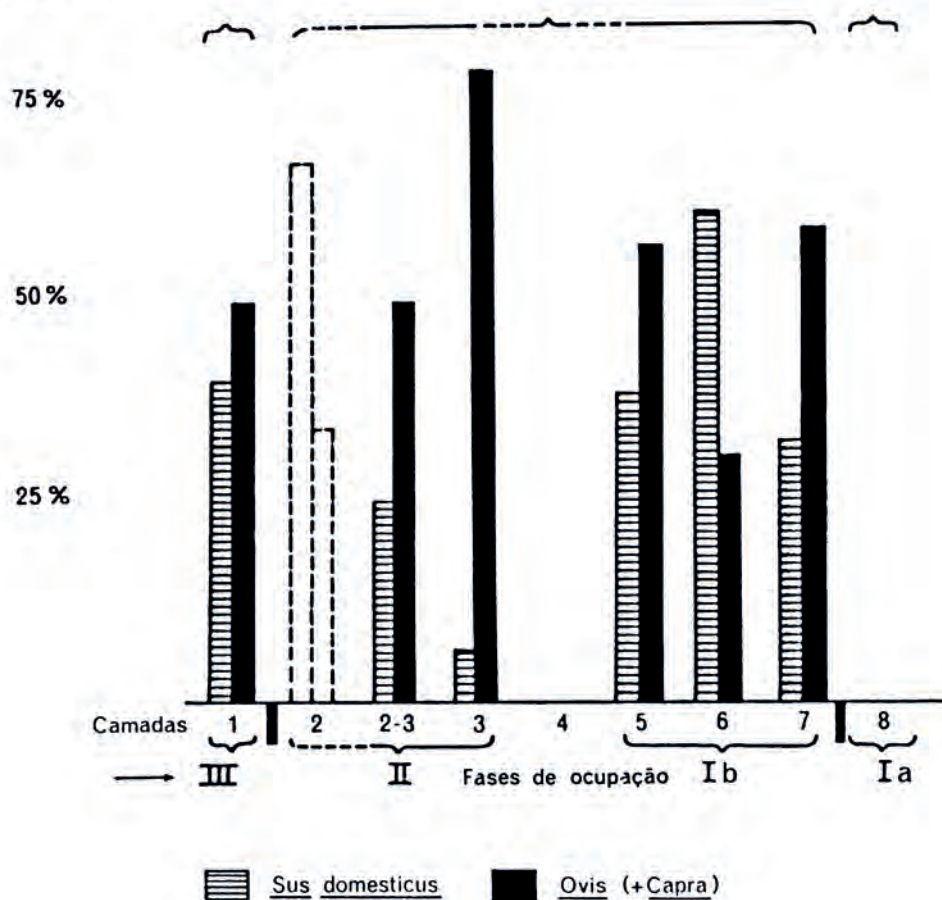


Figura 11: Monte da Tumba. Frequências relativas de porco doméstico e de carneiro (+ cabra doméstica). Seg. Antunes, 1987.

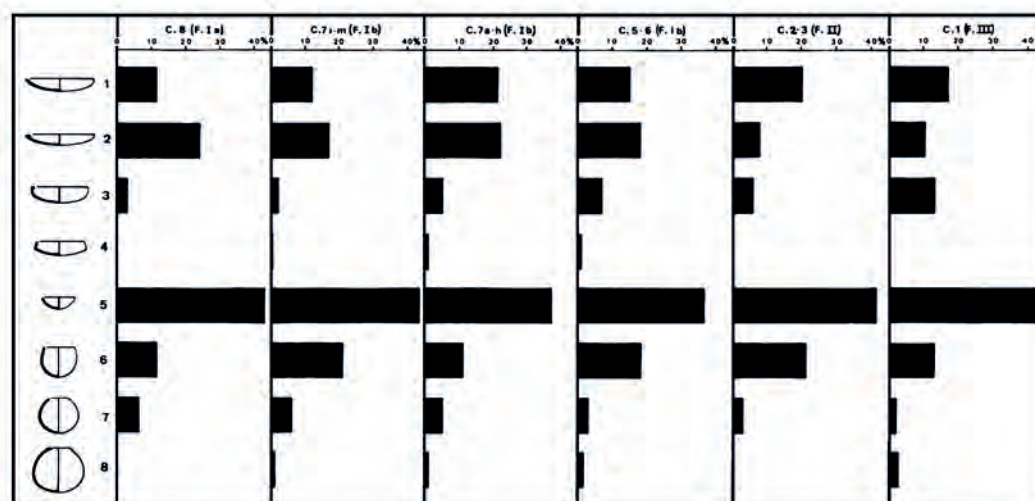


Figura 12: Monte da Tumba. Distribuição estratigráfica das principais formas cerâmicas. Seg. Tavares da Silva e Soares, 1987.

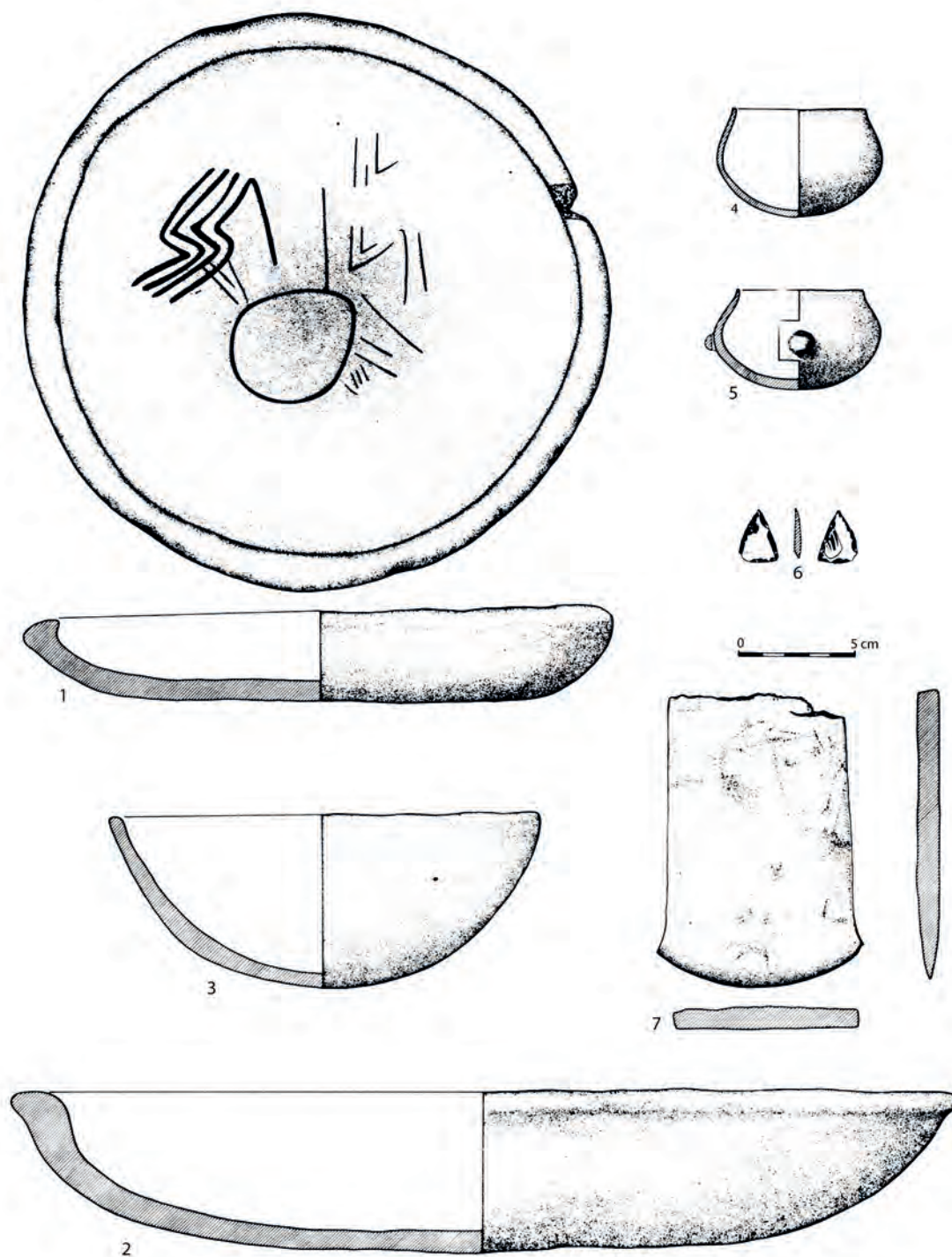


Figura 13: Monte da Tumba (Fase II de ocupação). Material cerâmico (nºs 1 a 5), lítico (nº6) e de cobre (nº7) do nível de ocupação da Cabana 51/71. Seg. Tavares da Silva e Soares, 1987.

FOGO E MORTE. SOBRE O EXTREMO SUL NO 3.º MILÉNIO A.N.E.
ESTUDOS OFERECIDOS A VÍCTOR S. GONÇALVES NOS 30 ANOS DA EDIÇÃO DE
MEGALITISMO E METALURGIA NO ALTO ALGARVE ORIENTAL, UMA APROXIMAÇÃO INTEGRADA

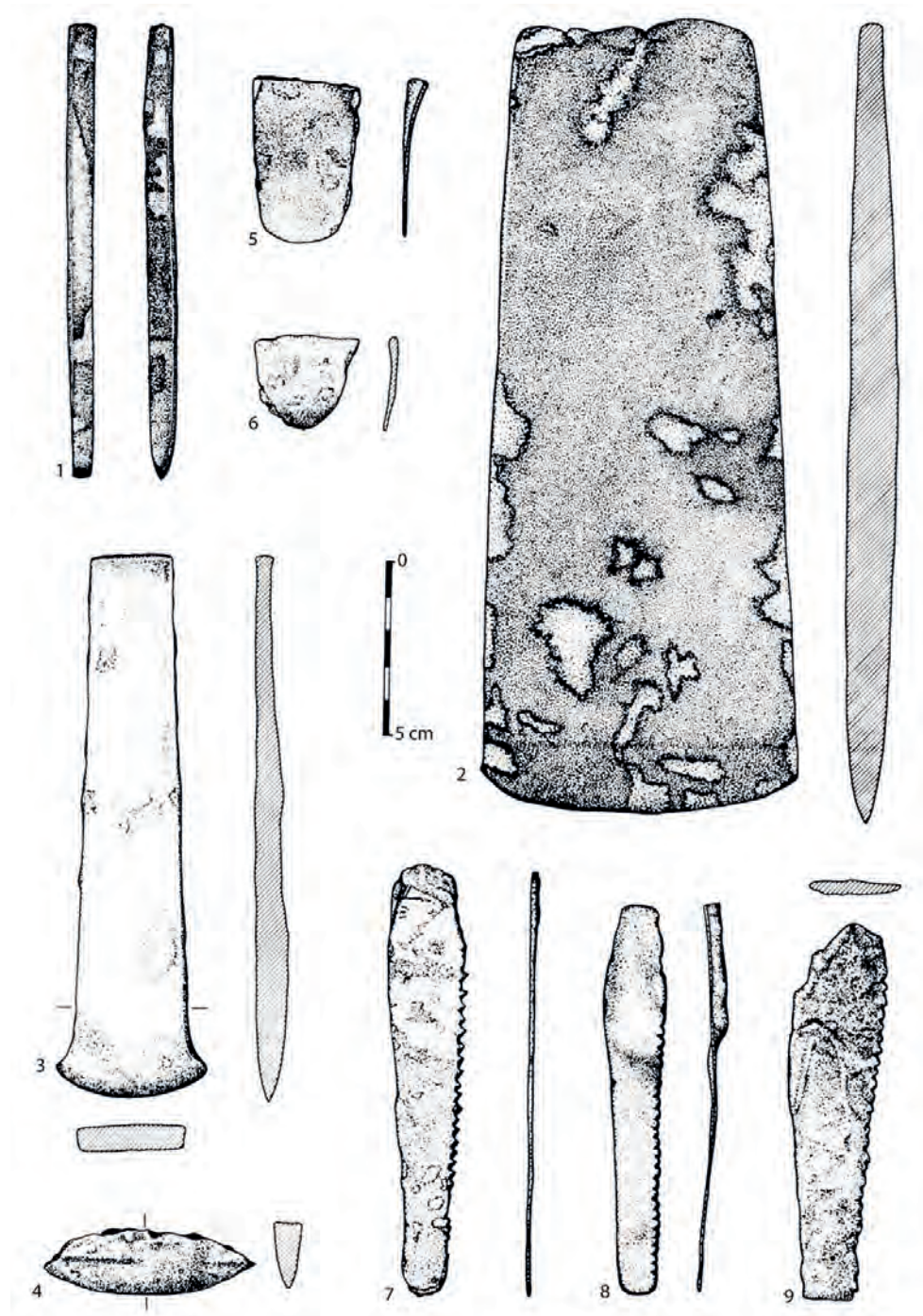


Figura .14: Monte da Tumba (Fases II e III de ocupação). Artefactos de cobre. Seg. Tavares da Silva e Soares, 1987.

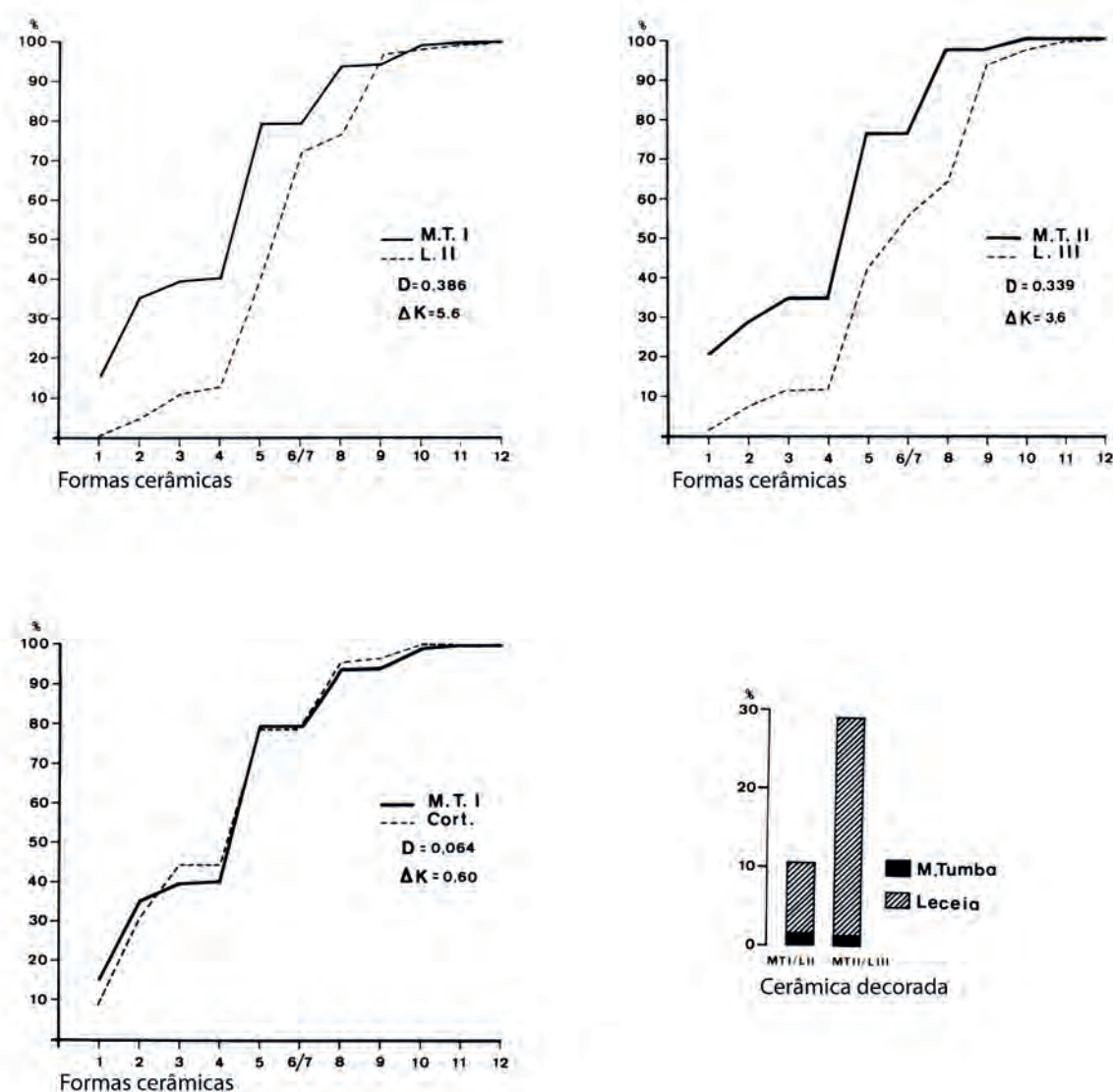


Figura 15: Comparação das frequências acumuladas das formas cerâmicas da Fase I do Monte da Tumba (M.T.I) com as da Fase II de Leceia (L.II), da Fase II do Monte da Tumba (M.T.II) com as da Fase III de Leceia (L.III) e da Fase I do Monte da Tumba (M.T.I) com as do Cortadoiro (Cort.). Comparação entre as frequências relativas da cerâmica decorada da Fase I do Monte da Tumba (M.T.I) com a da Fase II de Leceia (L.II) e da Fase II do Monte da Tumba (M.T.II) com a da Fase III de Leceia (L.III). Seg. Tavares da Silva, Soares e Cardoso, 1995.

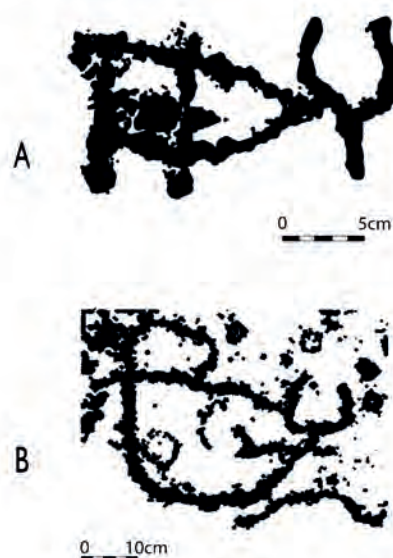


Figura 16: Gravuras de bucrânios com carro (A) e arado (B) do santuário exterior do Escoural. Seg. Gomes, Gomes e Santos, 1983 e 1994.

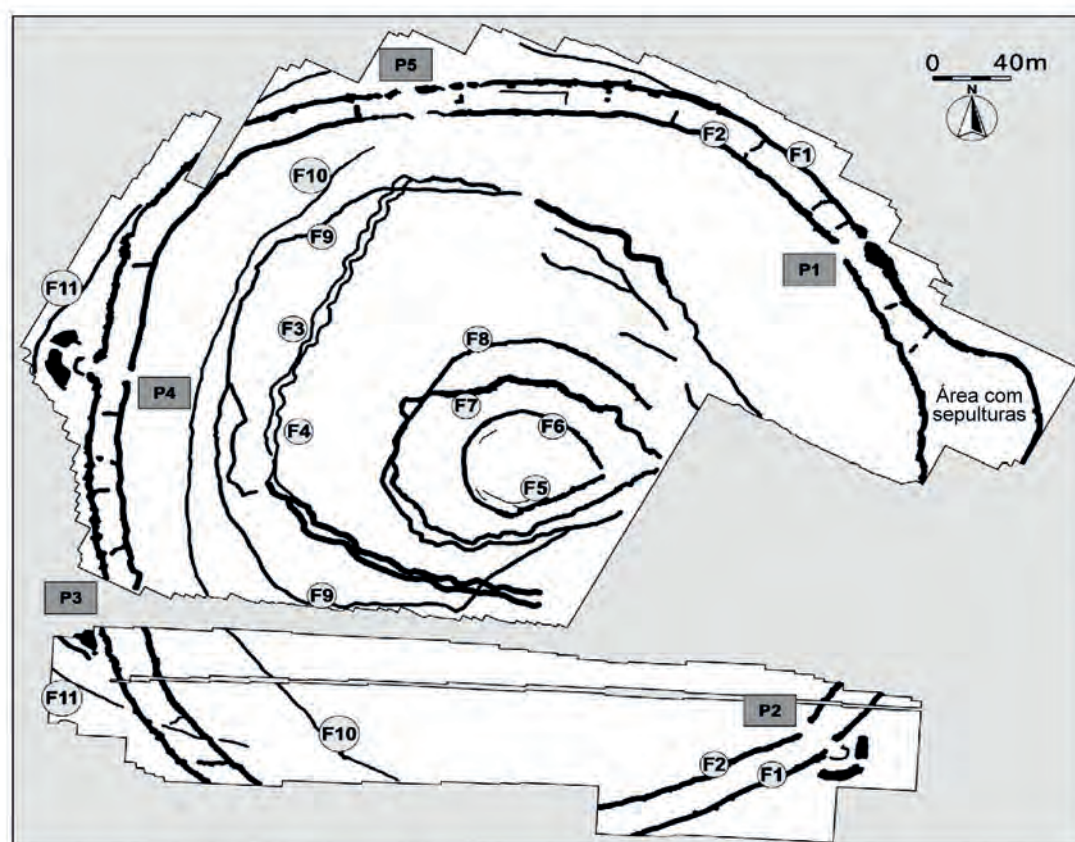


Figura 17: Recinto de fossos dos Perdigões. Planta obtida por prospecção geomagnética. Seg. Márquez Romero et al., 2011.

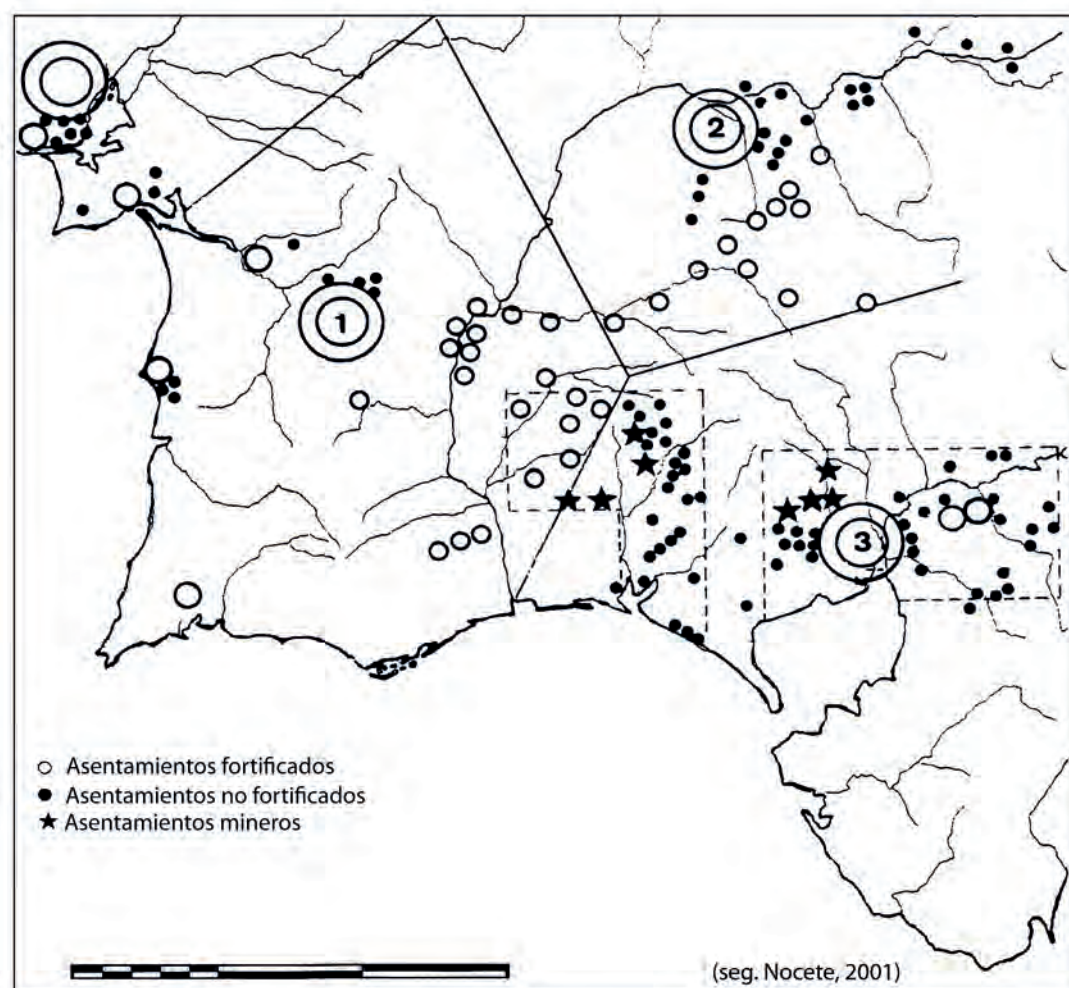


Figura 18: Modelo de povoamento para o Sudoeste Peninsular, em cerca de 2500-2200 AC proposto por F. Nocete (2001). A rede poligonal foi desenhada a partir de presumíveis centros políticos de área superior a 50ha: 1 - Porto do Torrão; 2 - La Pijotilla; 3 - Valencina de la Concepción.

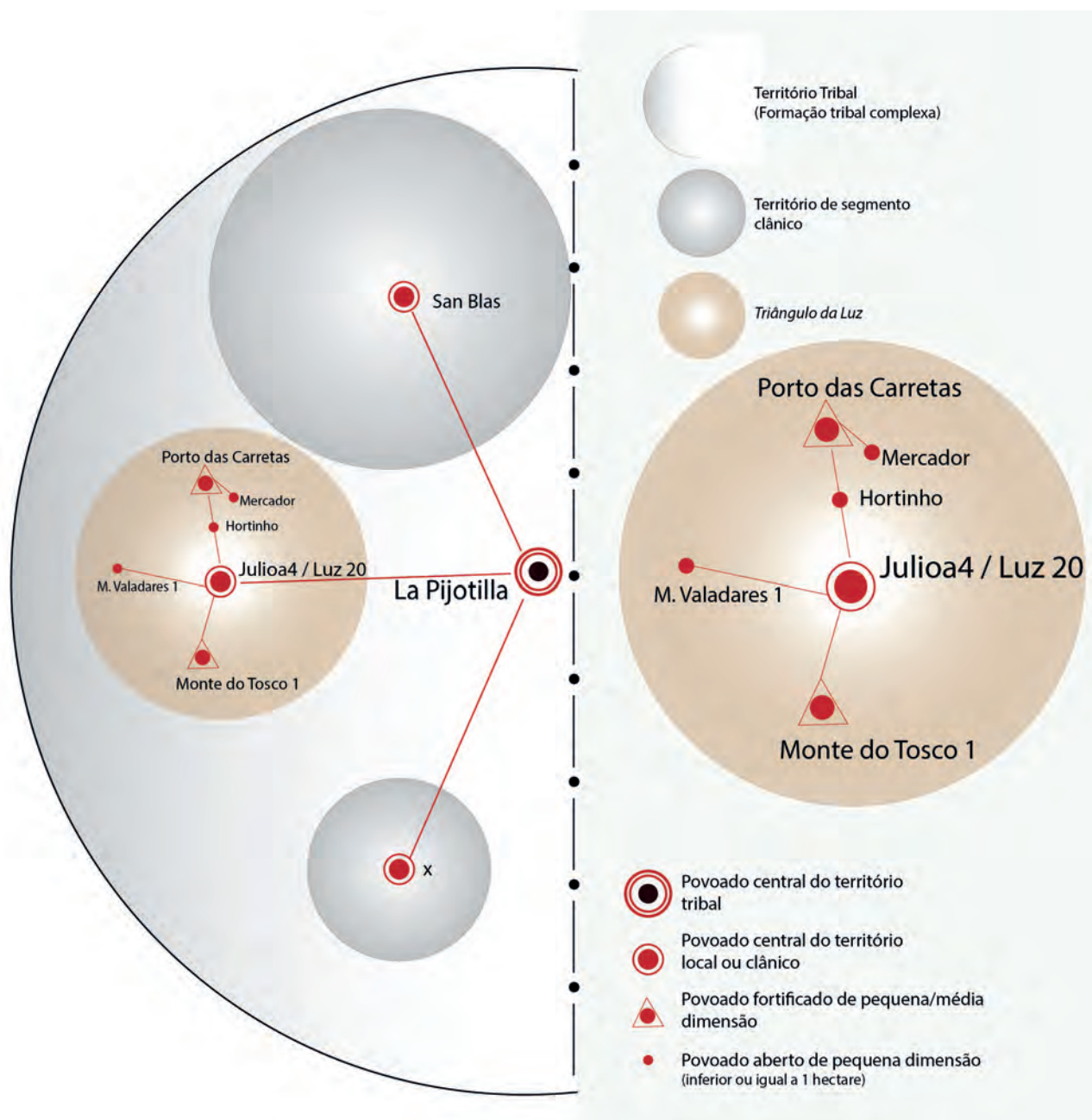


Figura 19: Modelo esquemático de rede de povoamento hierarquizada do Calcolítico da margem esquerda do médio Guadiana, com representação do sistema produtivo local do Triângulo da Luz, que constituiria um dos segmentos da formação social tribal complexa cujo centro estaria sediado, presumivelmente, no sítio de Pijotilla. Neste tipo de organização social poderiam existir já relações do tipo centro-periferia incipientes e de base voluntarista, encapsuladas em ideologia comunitária/parental. Essas relações propiciariam desigual distribuição de excedentes, favorável ao centro de cada um dos subsistemas constituintes da rede regional de povoamento. Seg. Soares, 2013a.

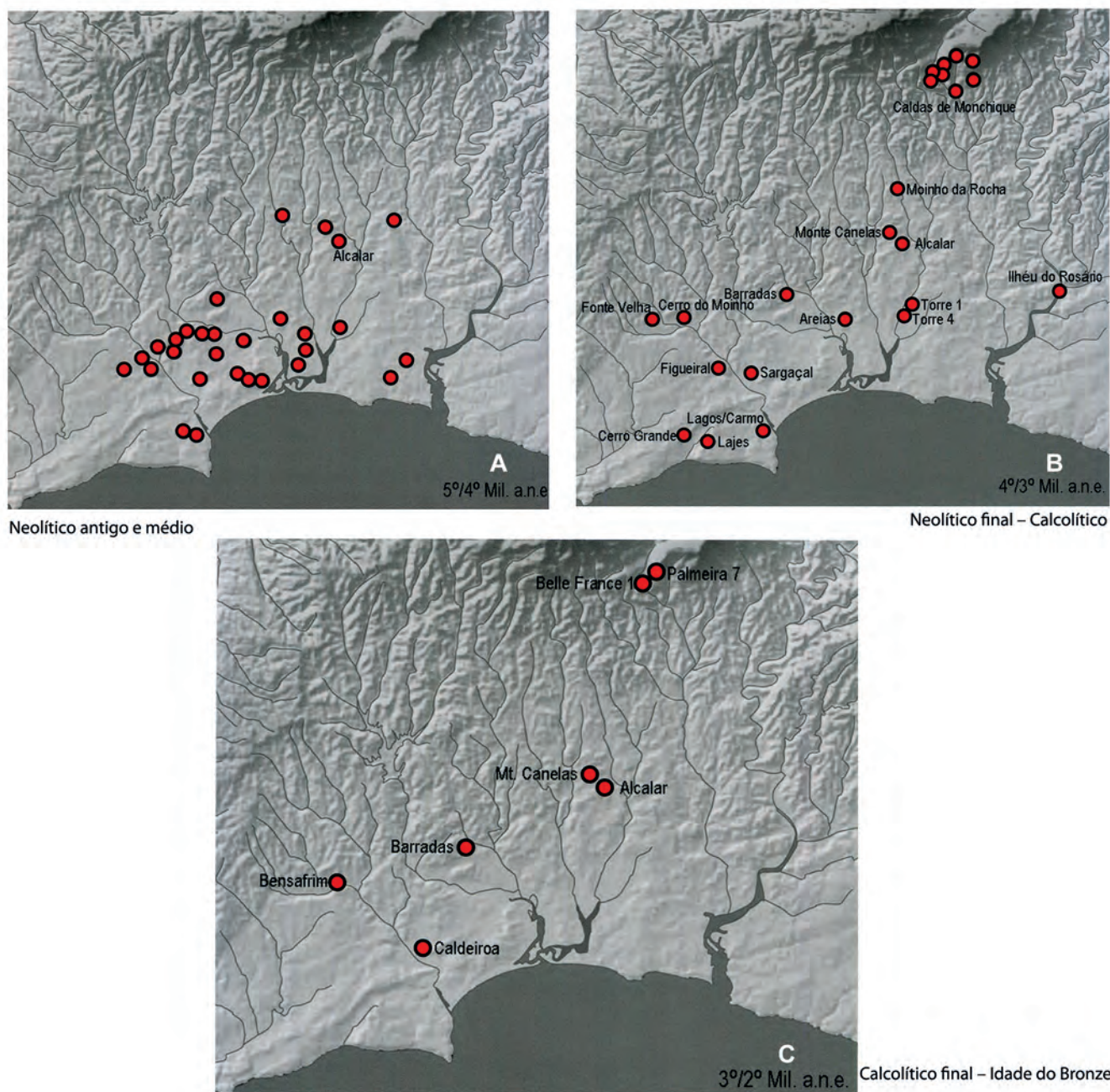


Figura 20: Evolução do povoamento na Baía de Lagos, durante a Pré-história recente.

A- Neolítico antigo e médio; B- Neolítico final/Calcolítico; C- Calcolítico final/Bronze inicial. Seg. Morán, 2019.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, M. T. (1987) — O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV-Mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 103-144.
- BADAL GARCIA, E. (1987) — O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. III-Estudo antracológico. *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 87-102.
- BLANCO-GONZÁLEZ, A.; LILLIOS, K.T.; LÓPEZ-SÁEZ, J.A.; DRAKE, B.L. (2018) — Cultural, demographic and environmental dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300–1500 BC): towards an interregional multiproxy comparison at the time of the 4.2 ky BP event. *Journal of World Prehistory* 31, p. 1-79.
- CALADO, M. (2002) — Povoamento pré- e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al.madan*, II Série, 11, p. 122-127.
- CASTRO LOPEZ, M.; ZAFRA DE LA TORRE, N.; HORNOS MATA, F. (2008) — El lugar de Marroquíes Bajos (Jaén, Espanha). Localización y ordenación interna. *Era-Arqueologia*, 8, p. 148-157.
- COELHO, A. V. PINTO; CARDOSO, J. L. (1992) — Materiais cerâmicos do povoado calcolítico do Monte da Tumba (Torrão). Análises macro e microscópicas. *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p. 277-289.
- DIAS, A. M. M. (1996) — *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa vitória*. Dissertação de mestrado, F.L.U.P. (policopiado).
- ESTÁCIO DA VEIGA, S.P.M. (1889) — *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, III. Lisboa: Imprensa Nacional.
- FREEMAN, L. G. (1971) — Los niveles de ocupación musteriense. In González Echegaray, J. e Freeman, L. G. (cords.) — *Cueva Morín. Excavaciones 1966-1968*. Santander, 25-161.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; FERNÁNDEZ FLORES, A.; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M. (2016) — Montelirio: Valoración e interpretación de una tumba excepcional. In A. Fernández Flores, L. García Sanjuán, & M. Díaz-Zorita Bonilla (Eds.), *Montelirio: Un gran monumento megalítico de la Edad del Cobre*. Seville: Junta de Andalucía, p. 503-553.
- GIL, F. BRAGANÇA; GUERRA, M. F. (1987) — O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. V-Estudo do espólio metálico por fluorescência de raios X. *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 145-153.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; SANTOS, M. F. (1983) — O santuário exterior do Escoural. *Zephyrus*, 36, p. 287-307.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; SANTOS, M. F. (1994) — O santuário exterior do Escoural. Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora). *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*, 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 93-108.
- GONÇALVES, V. S. (1979) — *Megalitismo e inícios da metalurgia no Alto Algarve Oriental. Notas a uma exposição*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (1988-89) — A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*, N. S., 9-10, p. 49-61.

- GONÇALVES, V. S. (1989a) — *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) — O povoado pré-histórico da Sala nº1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1 (88). *Portugália*, 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1991) — TESP3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*, N. S., 11-12, p. 53-72.
- GONÇALVES, V.S. (ed.) (2017) — *Sinos e taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica* (Estudos e Memórias, 10). Lisboa: UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C.; ANDRADE, M. A. (2017) — O Barranco do Farinheiro (Coruche) e a presença campaniforme na margem esquerda do Baixo Tejo. In Gonçalves, V. S. (ed.), *Sinos e taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 98-125.
- HURTADO PÉREZ, V. (2010) — The ditched enclosures of the Middle Guadiana basin. In L. Oosterbeek (ed), *Proceedings of the XV World Congress (UISPP/ British Archaeological Reports International Series 2124 2010)* 36, p. 109-122.
- LULL, V.; MICÓ, R.; RIHUETE HERRADA, C.; RISCH, R. (2015) — Transition and conflict at the end of the 3rd millennium BC in south Iberia. In H.H. Meller, H.W. Arz, R. Jung and R. Risch (eds) — *2200 BC - a climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world?* (Mitteldeutscher Archäologentag, vom 23. bis 26.), p. 365-407.
- MATALOTO, R.; ESTRELA, S.; ALVES, C. (2007) — As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). *Los primeros campesinos de la Raya. Actas de las Jornadas de Arqueología del Museo de Cáceres*, p. 113-141.
- MORÁN HERNÁNDEZ, M. E. (2019) — *El asentamiento prehistórico de Alcalar (Portimão, Portugal). La organización del territorio y el proceso de formación de um Estado prístino em la Bahía de Lagos em el tercer milénio A.N.E..* Lisboa: UNIARQ (Estudos e Memórias, 12).
- MARQUEZ ROMERO, J. E.; VALERA, A. C.; BECKER, H.; JIMÉNEZ JÁIMEZ, V.; SUÁREZ PADILLA, G. (2011) — El complejo arqueológico dos Perdigueiros (Reguengos de Monsaraz, Portugal). *Proyecciones geofísicas (campanas 2008-09). Trabajos de Prehistoria*, 68(1), p. 175-186.
- NOCETE, F. (2001) — *Tercer milénio antes de nuestra era. Relaciones y contradicciones centro/periferia en el Valle del Guadalquivir*. Barcelona: Ed. Bellaterra.
- OLIVEIRA, J. de; DIAS, A. C. (1982) — Povoado pré-histórico do Cabeço do Cubo - Campo Maior. Notícia da sua identificação. *Clío*, 4, p. 137-142.
- PAIS, J. (1987) — O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba (Torrão). II-Vegetação. *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 81-85.
- PARREIRA, R. (1983) — O Cerro dos Castelos de S. Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*, 1 (S. IV), p. 149-168.

- SOARES, J. (2000) — A Ponta da Passadeira e a diversidade do registo arqueológico dos IV/III milénios A. C.. *Actas das 1as. Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, p. 88-109.
- SOARES, J. (2001) — O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV/III milénios A. C. In *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares da Universidade Aberta, p. 101-127.
- SOARES, J. (2003) — *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, J. (2008) — Economias anfíbias na costa sudoeste ibérica. IV-III milénios BC. O caso da Ponta da Passadeira (estuário do Tejo). *IV Congreso del Neolítico Peninsular*, T. II. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante/ Diputación Provincial de Alicante, p. 356-364.
- SOARES, J. (2013a) — *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.
- SOARES, J. (2013b) — Sal e conchas na Pré-história portuguesa. O povoado da Ponta da Passadeira (estuário de Sado). In J. Soares (ed), *Pré-História das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal* (Setúbal Arqueológica, 14), p. 171-196.
- SOARES, J. (2016) — Social complexity in the third millennium cal BC in southern Portugal. In J. Soares (ed), *Social complexity in a long-term perspective* (Setúbal Arqueológica, 16), p. 77-114.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. M. P. (1987) — O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. VI-Cronologia absoluta. *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 155-165.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1992) — Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p.37-88.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (2000) — Capturar a mudança na Pré-história recente do Sul de Portugal. *Actas do 3o. Congresso de Arqueologia Peninsular*, 4, p. 213-224.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (2010) — Campaniforme do Porto das Carretas (Médio Guadiana). A procura de novos quadros de referência. In V. S. GONÇALVES e A. C. SOUSA (eds.), *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais e Uniarq, p. 225-261.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1976-1977) — Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 179-272.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1985) — Monte da Tumba (Torrão). Eine Befestigte Siedlung Der Kupferzeit Im Baixo Alentejo. *Madridrer Mitteilungen* 26, p. 1-21.

- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1986) — Intervenção arqueológica na vila do Torrão. Ocupação calcolítica. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia, 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 103-114.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1987) — O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I — Escavações arqueológicas de 1982-86 (Resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 29-79.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1988) — O povoado fortificado da Idade do Cobre do Monte da Tumba (Torrão). Cinco anos de escavações arqueológicas. *Movimento Cultural*, 4 (Ano III). Setúbal: Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal, p. 16-31.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1997) — Economias costeiras na Pré-história do Sudoeste Português. O concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*, 11-12, p. 69-108.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (2002) — Porto das Carretas. Um povoado fortificado do Vale do Guadiana. *Al-madan*, 11 (II série), p. 176-180.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; CARDOSO, J. (1995) — Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. In M. KUNST (ed.), *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica* (Trabalhos de Arqueologia, 7) Lisboa: IPPAR, p. 159-168.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; GOMES, F. J. S (1982) — Identificação de um povoado fortificado calcolítico no Torrão do Alentejo. *Arqueologia*, 5, p. 44-51.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; MASCARENHAS, J. M. (1986) — *Estudo de impacte ambiental do Empreendimento de Alqueva. Caracterização do Quadro de Referência. Relatório B-3. Património Histórico-Arqueológico na ZAP, EIA, DRENA/EGF.*
- VALERA, A. C. (2013a) — As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana (2a metade do IV ao inícios do II milénio AC). Lisboa: EDIA e DRCAL.
- VALERA, A. C. (2013b) — Cronologia dos recintos de fossos da Pré-história Recente em território português. *Arqueologia em Portugal 150 anos: 335-43*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- VALERA, A. C.; FILIPE, I. (2004) — O povoado do Porto do Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era Arqueologia*, 6, p. 28-61.